"A MELHOR DEFESA DA LIBERDADE É A SUA PRÁTICA DIÁRIA". ENTREVISTA A TIAGO RODRIGUES

O REFERENCIAL

48 ANOS 25 DE ABRIL SEMPRE JOVEM!

Rodrigo Antunes, Lusa

REVISTA DA ASSOCIAÇÃO 25 DE ABRIL
DIRECTOR: ANICETO AFONSO | N.º 145 | ABRIL – JUNHO 2022

EPAL
Grupo Águas de Portugal

VEJA A QUALIDADE DA ÁGUA NO SEU TELEMÓVEL

Mais informações em epal.pt

H2O
H2O QUALITY

A relaxar
cálcio magnésio pH cloro ...

A trabalhar no computador
cálcio magnésio pH cloro ...

Na cozinha a cozinhar
cálcio magnésio pH cloro ...

A beber chá ou café
cálcio magnésio pH cloro ...

cálcio magnésio sódio pH cloro ...

eu bebo água torneira

Disponível em Android e iOS, em português e Inglês

Download on the App Store

Get it on Google play

Direitos reservados

4 EDITORIAL
Abril, 48 anos de liberdade, Aniceto Afonso | **4**

8 25 DE ABRIL – 48 ANOS
48 anos depois – É tempo de dar especial atenção à Paz! | **10**
Comemoração com vida | **14**
O que disseram os deputados | **18**
Jardins de São Bento de porta aberta | **22**
Há povo na avenida | **24**
A actualidade dos valores de Abril | **28**
Democracia no pódio | **30**
Jantar comemorativo | **32**
Ao sabor da cultura | **34**
Viana do Castelo em festa, Rui Viana | **36**
Festa Jovem | **38**
Grupo de Oeiras e Cascais da A25A presente nas escolas | **40**
Almoço de Abril | **41**
São Paulo recordou Revolução dos Cravos | **42**
Lugares de Abril sempre | **43**
Ciclo liberdade(s) | **48**
"Tudo o que mexe, corta-se." | **52**

54 ABRIL – CULTURA E LIBERDADE
Quatro x quatro, entrevista com Tiago Rodrigues, "A melhor defesa da liberdade é a sua prática diária", Alexandre Manuel e Carlos Matos Gomes | **54**

60 ABRIL – JANELAS SOBRE O MUNDO
Paz na Ucrânia, Carlos Branco | **60**
Teoria dos Jogos e a Guerra na Ucrânia, Armando J. Garcia Pires | **66**

74 ABRIL – CAMINHOS PARA O FUTURO
A Primavera do desassossego, Luís Augusto Sequeira | **74**
O espaço público da educação: Um novo contrato social?,António Nóvoa | **78**
Informação sem cultura,Fernando Dacosta | **84**

88 ABRIL – HISTÓRIAS E MEMÓRIAS
Olhares diplomáticos sobre a revolução em Portugal, Reto Monico | **88**

96 LIVROS
Janelas de Abril, Joana Pontes | **96**
Biografia de um Militar, Vasco Lourenço | **100**
A Noite dos Heróis | **102**
Um Dia Lusíada | **103**

104 HOMENAGENS
Salgueiro Maia – 30 anos | **104**
O vulto, Manuel Martins Lopes | **107**
O "mito mais humanizado" da História de Portugal | **110**
José Júlio de Azevedo Valarinho (1933-2022) – Um Mestre de Armas, Pedro Pezarat Correia | 111
Manuel José Martins Rodrigues (1929-2022) – Saudoso "Pinga", Pedro Pezarat Correia | 113
Honras ao coronel Júlio Busquets, Javier Fernández López | **115**

117 BOLETIM
Ofertas à A25A | **117**

ANICETO AFONSO

ABRIL, 48 ANOS DE LIBERDADE

Comemoramos, com este número de *O Referencial*, o 48.º aniversário do 25 de Abril de 1974. Tanto pelas cerimónias oficiais, como pelas manifestações populares e pelos programas de eventos levados a efeito um pouco por todo o país, ficámos com a certeza da ligação entre os portugueses e o dia do nascimento da Liberdade e do novo regime democrático em Portugal. Verificámos, com orgulho, que os portugueses reconhecem o 25 de Abril como o início de um novo período da História, em que eles próprios assumiram o pleno estatuto de cidadãos capazes de construírem uma sociedade mais livre, democrática, justa e solidária.

Quando Martins Guerreiro afirma, na manifestação popular em Lisboa que "hoje podemos realizar a nossa vocação universalista de abertura ao mundo e aos outros, de construtores de pontes e ligações mutuamente vantajosas; com o 25 de Abril soubemos privilegiar os anseios dos povos: português e africanos à liberdade e à independência, soubemos pôr fim à guerra colonial, longa de 13 anos, e lançar os fundamentos de uma relação de cooperação e solidariedade com vantagens mútuas"; ou quando a A25A, na sua mensagem, afirma que "foi à volta da Constituição da República, conquista maior de Abril, que os democratas se uniram e conseguiram construir a plataforma comum que lhes permitiu salvaguardar os objetivos fundamentais que nos haviam levado à Madrugada libertadora", apenas estão a reafirmar o percurso de um tempo de grandes realizações e de decisivo significado para todos nós.

Mas, como nos alerta o nosso convidado deste número de *O Referencial*, Tiago Rodrigues, "quase meio século depois do 25 de Abril, penso que o que permite continuarmos a defender a liberdade é a nossa capacidade de a conjugarmos permanentemente com outros valores e direitos democráticos", pelo que "a melhor defesa da liberdade é a sua prática diária". E quanto temos ainda para fazer!

Perante o aparente apaziguamento da nossa sociedade, a sua evidente indiferença, como se tudo estivesse garantido e nada mais houvesse para alcançar, erguem-se as vozes dos insatisfeitos, como nos alerta ainda o nosso convidado: "Temos de fomentar o desejo contrário, que nos faz sair do conforto, ir ao encontro do outro, da diferença, do diálogo, do debate, da pluralidade, da diversidade".

E não faltam causas e desafios às sociedades atuais, às mulheres e aos homens do presente, a todos aqueles que têm consciência do valor da Liberdade e da Democracia, mas que sabem que elas exigem, em permanência, um compromisso sem quebras e sem hesitações. E, como preocupações do futuro que queremos construir, devemos ter sempre presentes algumas das questões que precisam da nossa atenção e sem a resolução das quais não se cumpre o 25 de Abril.

Neste âmbito, devemos referir a dignidade das pessoas, ou seja, a questão da pobreza. Enquanto não conseguirmos, para todos, o patamar mínimo de bem-estar, não poderemos celebrar o 25 de Abril com entusiasmo, ou mesmo tranquilidade. Nos discursos e nas tribunas oficiais, o problema é frequentemente referido, mas na prática tem passado ao lado dos objetivos realmente importantes e urgentes. De facto, não podemos aceitar que 20% da sociedade portuguesa viva em condições de pobreza. Por outro lado, o mundo, e também Portugal, está descuidado em relação ao planeta e à recuperação dos ecossistemas de sobrevivência, sem que se vislumbrem compromissos comuns a nível global ou atitudes individuais empenhadas. Nas relações sociais subsistem comportamentos de descriminação, racismo e xenofobia, sem se consolidar a viragem necessária. Finalmente, neste tempo de guerra, o mundo não consegue, pela fraqueza dos instrumentos de relação que criou, suster uma invasão militar ou obrigar a uma solução rápida de compromisso. Poderá a humanidade, com a evolução tecnológica e os progressos da ciência e do pensamento, encontrar soluções duradoiras, aniquilar os arsenais ameaçadores, reconhecer a importância do outro, construir a sociedade livre, igual e fraterna que tantos humanistas perseguem desde que nos reconhecemos mutuamente?

O nosso colaborador Armando Pires, assume a dificuldade da atual situação: "Todos os conflitos mundiais anteriores indicam que (...) se não se resolverem as questões entre as grandes potências, corre-se um risco de guerra. Mas essa guerra será diferente das anteriores, uma guerra nuclear, e haverá, portanto, apenas vencidos. Um acordo entre as grandes potências (não só EUA e Rússia, mas também a China) é infelizmente uma possibilidade remota, visto que, como se disse, a confiança entre estas está quebrada.

Carlos Pereira Martins

Mas de que outras soluções dispomos? E sem um acordo entre as grandes potências como poderemos enfrentar os outros desafios do nosso tempo, como o aquecimento global, que exigem confiança e cooperação entre as principais potências?".

Também o nosso colaborador Carlos Branco, tentando abrir uma janela para este conflito, nos adverte: "O prolongamento da guerra na Ucrânia torna o debate sobre a paz cada vez mais complexo. O que poderia ter sido ontem uma solução aceitável, não o é hoje."

Esta é atualmente a grande questão, mas estão-lhe subjacentes muitas outras, sobre as quais interessa refletir, porque estamos enredados em teias difíceis de contornar.

E, para além da guerra ou relacionadas ainda com ela, podemos fazer algumas perguntas: Como suster a concentração de riqueza e poder continuamente cimentada? Como resistir à demagogia e ao populismo, à convivência da liberdade com a manipulação da informação, ao uso das novas tecnologias para a invasão da privacidade e à massificação dos comportamentos?

Dos nossos colaboradores, salientamos algumas pistas, que nos introduzem nos debates necessários.

Voltando a Tiago Rodrigues, "É essencial que as sociedades democráticas encarem a questão da desinformação como a enorme ameaça que é não apenas para o acesso a informação credível, mas também para a educação científica e cultura geral mais elementar das pessoas. O aumento da desinformação merece políticas públicas urgentes que estarão na linha da frente para defender a democracia e os seus valores".

Fernando Dacosta, apontando um caminho para o futuro, sublinha com muita oportunidade: "Haver muita informação não significa só por si haver muito conhecimento, melhor conhecimento; significa por vezes o contrário: não pensar, não criticar, não desalinhar, não actuar. Desgraçadamente, a arrogância da actual informação está a matar a genuinidade da cultura". Por isso, acrescenta, "denunciar as bofetadas que são dadas aos indefesos é uma das funções da cultura, da ética, da democracia".

Por sua vez, António Nóvoa, coloca-nos perante um outro caminho para o futuro: a educação. Ele destaca a solução que poderá retirar-nos da persistente crise em que temos vivido: "o futuro passa por uma valorização do encontro e da relação entre professores e alunos, reunindo em espaços públicos, abertos, pessoas de todas as origens para se educarem mutuamente e, assim, aprenderem a viver em comum. Este é o meu caminho – o reforço de um espaço público da educação no âmbito de um novo contrato social".

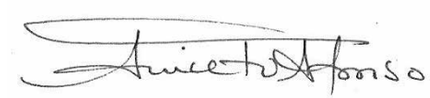
Ou seja, como nos alerta Luís Augusto Sequeira: "É tempo de pôr em prática os múltiplos estudos, diagnósticos, recomendações, estratégias que têm sido apresentados.

Numa expressão simples, é tempo de fazer!".

Não podemos deixar de referir os contributos de outros colaboradores. Por isso, devemos dar as boas-vindas ao nosso sócio Reto Mónico, historiador suíço e especialista nas relações da Suíça com Portugal e o Brasil, que irá analisar ao longo dos próximos números os relatórios dos representantes helvéticos em Lisboa, durante o período da Revolução Portuguesa. A propósito do seu trabalho devemos dizer que a análise dos acontecimentos históricos, quaisquer que eles sejam, do passado ou do presente, necessitam do estabelecimento de uma cronologia de factos, considerando o que influenciou ou moldou cada um dos sucessivos contextos, tanto antes, como depois do acontecimento em estudo. Por outro lado, a mesma atenção deve ser dada ao enquadramento internacional sincrónico, que nos permita compreender o que acontece em outras geografias relacionadas e quais as influências que transportam. Isto é especialmente necessário para o estudo dos acontecimentos de rutura, como por exemplo, as revoluções ou as guerras, que normalmente originam mudanças profundas nas sociedades e nas relações com contextos vizinhos.

Devemos ainda realçar as homenagens que neste número de *O Referencial* prestamos àqueles que nos deixaram, em especial aos nossos camaradas Azevedo Vilarinho e Martins Rodrigues, com textos de Pezarat Correia, assim como a Salgueiro Maia, por Manuel Martins Lopes e ao nosso saudoso amigo da UMD (Espanha) Julio Busquets, lembrado por Javier Fernández López, que foi homenageado em Barcelona e em cuja sessão foi cantada a "Grândola, Vila Morena". Finalmente destacamos dois dos livros apresentados na sede da A25A, *Biografia de um Militar*, de Franco Charais, apresentado por Vasco Lourenço, e *Janelas de Abril*, apresentado por Joana Pontes. A todos o nosso louvor e gratidão. Também o nosso muito obrigado ao amigo e sócio da A25A, Carlos Pereira Martins, pelas suas excelentes fotos que ilustram este número.

São múltiplas as preocupações que nos invadem nos dias de hoje. Através de *O Referencial*, a A25A acompanha os debates do presente, confirmando o seu estatuto de lugar de ideias múltiplas defensoras da Liberdade e dos outros valores de Abril. Os nossos sócios e os nossos amigos têm, nas páginas de *O Referencial*, uma tribuna de afirmação e debate, pelo que a todos deixamos o desafio da sua participação.



25 DE ABRIL
48 ANOS

Álvaro e José Tavares

Álvaro e José Tavares

Álvaro e José Tavares

Carlos Pereira Martins

Foi à volta da Constituição da República, conquista maior de Abril, que os democratas se uniram e conseguiram construir a plataforma comum que lhes permitiu salvaguardar os objectivos fundamentais que nos haviam levado à Madrugada libertadora

Mensagem da Associação 25 de Abril

É TEMPO DE DAR ESPECIAL ATENÇÃO À PAZ!

FOI HÁ 48 ANOS que os Capitães de Abril derrubaram a ditadura que oprimia os portugueses havia também 48 anos. A Liberdade então conquistada acaba de ultrapassar o tempo da mais longa ditadura do século XX na Europa Ocidental.

Por isso, é tempo de proclamarmos bem alto "Mais Cravos que Ditadura"!

Foi há 48 anos que os Capitães de Abril puseram fim a uma guerra sem sentido, como são todas as guerras, e alcançaram a Paz, o que nos permitiu construir a Democracia.

O 25 de Abril de 1974 foi o início de um novo período da História, em que o povo português assumiu em pleno o seu estatuto de cidadania, construindo uma sociedade mais livre, mais democrática, mais justa e mais solidária.

Aos sonhos e utopias de então, alguns atingidos com êxito, seguiram-se tempos difíceis, com os ataques dos inimigos de Abril, que nunca esqueceram a vontade de regressar aos tempos passados.

Foi à volta da Constituição da República, conquista maior de Abril, que os democratas se uniram e conseguiram construir a plataforma comum que lhes permitiu salvaguardar os objectivos fundamentais que nos haviam levado à Madrugada libertadora.

São esses os valores que teremos de manter para, à sua volta, continuarmos a construção de uma sociedade onde as desigualdades e as injustiças sejam cada vez menores. A concentração da riqueza nas mãos de poucos, em compa-

Rodrigo Antunes, Lusa

Para nós, autores da epopeia que está já nos anais da História de Portugal e da História Universal, não haverá melhor dádiva do que podermos comemorar os 48 anos dessa gesta colectiva em paz, não só em Portugal, mas também no mundo

ração com a indigna percentagem de pobreza, agora fortemente agravada pela pandemia e pela guerra, não pode continuar no país de Abril, que se construiu com base nos direitos de cidadania e justiça contidos no Programa do MFA e consolidados pela Constituição da República.
Nós, mulheres e homens de Abril, não podemos claudicar na luta pela consolidação de uma sociedade de Abril. O que exige de nós a indispensável Coragem para enfrentarmos populismos, mascarados ou não, que, a vencerem-nos, nos lançarão novamente em regimes repressivos, contrariando assim a propaganda que fazem e as promessas com que enganam os incautos.
E se a Coragem é importante na luta global, ela será determinante para exigir aos responsáveis políticos uma maior Transparência, sem Clientelismos e sem Corrupção, indispensáveis à construção da almejada justiça social.

Hoje, festejamos a Liberdade e a Democracia, mas queremos também festejar a Paz.
Muito lamentavelmente, fazemo-lo quando a guerra voltou à Europa e nos está a "bater à porta". Esta Europa que, palco e vítima das duas guerras mais destrutivas da História da Humanidade, parece desafiar os Deuses e tudo fazer para que a próxima guerra, que será inevitável enquanto existir o Homem Lobo do Homem, seja travada com pedras e os paus dos primórdios da nossa História.
Já no final do século XX, a Europa voltou a ver desenrolar-se no seu seio uma outra guerra, da qual resultou a dissolução da Jugoslávia, um dos países que mais coerentemente procurou soluções justas para as sociedades humanas, fora dos blocos políticos e militares. Mais uma vez, os ataques altamente condenáveis verificados não devidamente sancionados, porque prevaleceu a máxima de que "a Justiça é a manifestação da vontade do vencedor"!
Não aproveitando as lições do passado, esquecendo as tragédias vividas e mantendo a ambição de domínio sobre os mais fracos, os detentores da força voltam a criar condições para uma nova guerra na Europa.
Guerra que, por mais razões que se procurem esgrimir, não se justifica, não tem razão de ser!
Sabemos que a principal responsabilidade pela eclosão de uma guerra, nomeadamente uma guerra de agressão, de invasão do outro, como a que assola a Ucrânia, cabe ao agressor, neste caso, a Rússia. Não podemos, por isso, deixar de condenar essa potência mundial e o seu máximo responsável, o presidente Putin.
Mas sabemos também que uma guerra, seja qual for o seu âmbito, exige sempre, no mínimo, dois contendores. Como também sabemos que a guerra não é, não pode nem deve ser solução para a resolução dos conflitos, em pleno século XXI.
Há que parar imediatamente a guerra e fazer a Paz!
Para nós, autores da epopeia que está já nos anais da História de Portugal e da História Universal, enquanto acção de procura da Liberdade, da Paz, da Igualdade e da Solidariedade, não haverá melhor dádiva do que podermos comemorar os 48 anos dessa gesta colectiva em Paz, não só em Portugal, mas também na Europa e no Mundo. Se assim for, será bem mais fácil prosseguirmos no cumprimento de Abril, na procura de uma sociedade democrática, onde os valores da justiça social se consolidem.
Os tempos que estamos a viver são difíceis e exigentes.
São de resistência e de luta, mas também de Esperança!
Esperança num futuro de Abril, onde todos nos juntemos na construção da sociedade que as gerações mais velhas não tiveram, mas que iniciaram e têm tentado manter, passando-a agora aos mais jovens.

Unidos, gritaremos, todos juntos, "25 de Abril, Sempre"!
Viva Portugal!
Um grande abraço de Abril
A Direcção

COMEMORAÇÃO COM VIDA

Os portugueses voltaram a comemorar com entusiamo a Revolução dos Cravos e, desta vez, puderam usufruir da rua sem constrangimentos de prevenção contra a pandemia. Foi a festa dos 48 anos do 25 de Abril com a qual se celebrou também o tempo em que a ditadura foi ultrapassada pela liberdade na recta da história. Os discursos oficiais enalteceram as Forças Armadas, sem esquecer os emigrantes que são imagem de um país de integração

Manuel de Almeida, Lusa

CELEBRAÇÕES DO 25 DE ABRIL novamente na rua sem restrições como as que foram exigidas o ano passado. 2022 marcou o regresso pleno das comemorações, numa altura em que não só se festeja 48 anos da data memorial, mas também a alegria de se viver mais tempo em liberdade do que em ditadura.

Se o povo marcou presença no habitual desfile na capital - além de todas as celebrações que se realizaram de Norte a Sul e nas ilhas -, a Assembleia da República (AR) voltou também a ter todos os seus deputados presentes e o seu presidente, Augusto Santos Silva, abriu as portas da casa da democracia a todos quantos a quiseram visitar.

O Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, presidiu à cerimónia perante convidados especiais que ouviram atentamente todos os discursos, porque muitas das palavras ali proferidas a eles foram dirigidas. Referimo-nos aos Capitães de Abril presentes nas galerias do Parlamento em representação da A25A, nomeadamente, coronel Vasco Lourenço, almirante Martins Guerreiro, coronel Sousa e Castro, coronel José Barroso, general Luís Sequeira, coronel Aprígio Ramalho, Dr. Manuel Sá, almirante Artur Sarmento, coronel Santa Clara Gomes, comandante Nunes Curado e general Carlos Branco.

As Forças Armadas estiveram em destaque devido ao discurso de Marcelo Rebelo de Sousa. O Presidente da República apressou-se a justificar: “Porque sem as Forças Armadas, e Forças Armadas fortes unidas e motivadas, a nossa paz, a nossa segurança, a nossa liberdade, a nossa democracia, sonhos de 25 de Abril, ficarão mais fracas.” Associou ainda as Forças Armadas ao “começo de Portugal” e recordou que foram militares que fizeram o 25 de Abril.

Realçando a importância de reforçar as condições das Forças Armadas, o Chefe do Estado sublinhou o papel muito relevante que estas têm na nossa democracia: “Neste tempo em que a guerra surge como mais real ainda, em que a pandemia impôs necessidades mais evidentes, neste dia em que celebramos a democracia e a liberdade e em que percebemos como a paz e a segurança tocam as nossas vidas, não é de mais pensar, como pátria que somos, nas Forças Armadas que temos, nas que queremos ter e nas que precisamos de ter.”

O Presidente da República e Comandante Supremo das Forças Armadas alertou ainda que, caso não sejam criadas “essas condições, não nos poderemos queixar que um dia descubramos que estamos a exigir missões difíceis de cumprir por falta de recursos, porque, se o não

Direitos reservados

Os representantes da A25A presentes nas cerimónias comemorativas realizadas na Assembleia da República: almirante Martins Guerreiro; coronel Vasco Lourenço; coronel Sousa e Castro; coronel José Barroso; general Luís Sequeira; coronel Aprígio Ramalho; Dr. Manuel Sá; almirante Artur Sarmento; coronel Santa Clara Gomes; comandante Nunes Curado; general Carlos Branco

fizermos a tempo, outros o exigirão por nós, e depois não nos queixemos de frustrações, desilusões, contestações ou afastamentos".
Acrescentou que dar "mais meios imprescindíveis" às Forças Armadas "não é ser-se de direita ou de esquerda, conservador ou progressista, moderado ou radical, é ser-se pura e simplesmente patriota, em liberdade e democracia".
Recordando que Portugal está envolvido em missões estrangeiras na Roménia, Lituânia, República Centro-Africana, Mali, Mediterrâneo, Golfo da Guiné e Moçambique, Marcelo Rebelo de Sousa realçou a relevância, advertindo que "se a paz não existir, a insegurança atingirá também as nossas vidas", apontando os efeitos da guerra na economia e nos preços dos bens alimentares.

ESTREIA DO PRESIDENTE

No seu primeiro discurso no 25 de Abril como presidente da AR, Augusto Santos Silva deu o exemplo de Portugal como "uma nação europeia aberta ao mundo". "Em tempos tão difíceis, as características essenciais da nossa pátria, como uma democracia madura, um país seguro e pacífico e uma sociedade coesa e aberta ao outro, emergem como um valioso património e um exemplo internacional", disse.
"Graças à revolução libertadora do 25 de Abril e ao modo como fomos desde então construindo uma democracia pluralista que a todos procura integrar, sem admitir fracturas de base religiosa, territorial ou identitária, não tem cessado de crescer o reconhecimento internacional da capacidade portuguesa de comunicar com todos, de fazer pontes entre realidades distintas e de ser uma nação europeia aberta ao mundo", salientou.
Realçando que em Portugal "vivem actualmente cidadãos de quase todas as nacionalidades sem que isso constitua qualquer problema", Augusto Santos Silva considera que a abertura nas relações com diferentes países, de diferentes continentes, "é um bem precioso que se deve acarinhar".
O presidente da AR dedicou ainda palavras aos emigrantes portugueses: "Sendo mais de cinco milhões e residindo em mais de 180 países, a influência que assim projectam os portugueses e lusodescendentes é verdadeiramente global. As comunidades que formam são uma demonstração concreta de quão falso é o mito da contradição entre identidade originária e integração, sobre que repousam variadas estirpes de xenofobia. De facto, as comunidades portuguesas são um exemplo claro de dupla vinculação harmoniosa: de uma banda, ligação profunda a Portugal e às respectivas regiões e localidades; da outra, inserção plena nas sociedades de acolhimento, com respeito escrupuloso pelas suas leis, usos e costumes."

COMBATER EXTREMA-DIREITA

O primeiro-ministro falou nos jardins de São Bento, mais um local que reabriu ao público na festa do 25 de Abril. "Celebramos a liberdade neste ano marcante em que já vivemos mais tempo em liberdade do que em ditadura. Significa que a liberdade criou raízes, aprofundou-se e temos de saber cuidar dela. Liberdade, sempre! 25 de Abril, sempre!", disse.
Reagindo aos discursos das duas primeiras figuras do Estado português, António Costa considerou as intervenções "muito importantes" por terem abordado "dois temas da identidade nacional", como as Forças Armadas e os emigrantes.
António Costa falou ainda da ascensão da extrema-direita na Europa, considerando que deve ser combatida com políticas que fomentem as fracturas sociais, "o carburante das forças de extrema-direita". Considerando que esta se aproveita do descontentamento popular, a forma de combate-la é com mais democracia, com políticas a promover maior igualdade, com medidas mais "justas e inclusivas". O primeiro-ministro disse ser esta a "forma mais adequada, sólida e consistente" de combater as ideias da extrema-direita.

O QUE DISSERAM OS DEPUTADOS

A Assembleia da República assumiu novamente o pleno rigor para celebrar o marco histórico que trouxe a Portugal a democracia. Os deputados regressaram sem limitações para ouvir os habituais discursos dos partidos com representação parlamentar. Desde recordar todos os que contribuíram para que o 25 de Abril garantisse o fim da ditadura, até aos alertas do que ainda é preciso fazer para que todos os valores sejam concretizados, no parlamento evocou-se o passado, é certo, mas focou-se muito mais nos desafios do presente e do futuro.

Manuel Almeida, Lusa

Toda as bancadas dos partidos com representação parlamentar estiveram completas

Manuel Almeida, Lusa

PEDRO DELGADO ALVES, PS:
"Honrar Abril é, também, não esquecer que as contradições e tensões que então se enfrentaram e arriscaram fraturar o país durante o processo revolucionário foram superadas pelos decisores de então, ninguém excluindo, todos conquistando para a Democracia, sarando as feridas e privilegiando aquilo que nos une e que a todos orgulha. Não erremos hoje, fora de tempo, onde Soares , Sá Carneiro, Cunhal, Freitas do Amaral, Melo Antunes e Ramalho Eanes não falharam."

RUI RIO, PSD:
"A solução está em nós próprios. A solução está em enfrentar a realidade sem cobardia nem hipocrisia. Está em reformar, ou diria melhor, em romper com o que há muito está enquistado e ao serviço de interesses setoriais ou de grupo. Se é justo responsabilizar a política porque ela não tem tido a coragem de fazer as reformas estruturais que o desenvolvimento do país reclama, a verdade é que a maioria do eleitorado também valoriza muito mais a promessa fácil da benesse imediata do que a realização das reformas que preparam o seu futuro."

Manuel Almeida, Lusa

ANDRÉ VENTURA, CHEGA:
"Falhámos aos polícias, aos magistrados, às pessoas, aos retornados, aos ex-combatentes, alguns deles a viver na rua"(...) "Ainda há partidos que se acham donos da democracia e donos do 25 de Abril".

Manuel Almeida, Lusa

BERNARDO BLANCO, INICIATIVA LIBERAL:
Falta a Portugal o inconformismo de Abril para romper a estagnação. Abril confiou-nos esta difícil missão: a de continuar a querer saber – da política, de Portugal, da Europa e do Mundo. A de continuar a querer saber do futuro. Este ano, em que os 48 anos do 25 de Abril superam os 48 anos de ditadura, não é dia para acabar com 'o estado' a que chegámos, relembrando Salgueiro Maia, mas é dia de refletir e de mudar sobre o estado a que chegámos."

Manuel Almeida, Lusa

PAULA SANTOS, PCP:
"A tentativa de imposição do pensamento único, o levantamento de novas censuras, a hostilização de quem livremente emite uma opinião divergente daquela que é ditada pela ideologia dominante são perigosos elementos de ataque ao regime democrático e, por isso, têm como alvo os seus mais firmes defensores, os comunistas e outros democratas, visando silenciar a sua intervenção."

Manuel Almeida, Lusa

JOSÉ SOEIRO, BLOCO DE ESQUERDA:
"É tempo de ouvir todas as pessoas que não estão no retrato emoldurado dos notáveis, que não têm nem terão medalhas nem ruas com o seu nome. Que estão no avesso dos lugares, mas sem os quais não existiriam lugares. (...) Falta-nos ainda quase tudo: saúde, habitação para todos, acabar com as desigualdades sociais."

Manuel Almeida, Lusa

INÊS DE SOUSA REAL, PAN:
"Estamos em 2022 e nós não estamos satisfeitos, não olhamos a democracia como um protocolo sem conteúdo de igualdade. Abril ainda não tem rosto de mulher quando a cada dia mais de 50 mulheres são vítimas de violência doméstica."

Manuel Almeida, Lusa

RUI TAVARES, LIVRE:
"Não é por acaso que logo que lhes foi possível, a primeira coisa que milhões de pais e mães do nosso país fizeram foi pôr os filhos e as filhas a estudar até onde eles e elas quisessem. Ainda hoje, façam a experiência, agora que eles já são avós e avôs e até bisavós, perguntem-lhes o que lhes dá mais orgulho e ouvirão: a neta que acabou o mestrado e quer fazer o doutoramento, o neto que está a fazer Erasmus."

Manuel Almeida, Lusa

Rodrigo Antunes, Lusa

O primeiro ministro, António Costa, abriu à população a sua residencial oficial

JARDINS DE SÃO BENTO DE PORTA ABERTA

Centenas de pessoas juntaram-se naquela que é a residência oficial do primeiro-ministro

OS JARDINS DO PALACETE de São Bento voltaram a ter portas abertas, sem restrições, depois de dois anos marcados por celebrações longe do povo. Centenas de pessoas juntaram-se naquela que é a residência oficial do primeiro-ministro e António Costa não deixou de assinalar o momento: "O 25 de Abril só faz sentido celebrar juntos e é por isso muito bom estarmos aqui hoje com um dia de sol maravilhoso."

Os festejos terminaram com um concerto de Dino d'Santiago, mas ficaram antes marcados pela inauguração de mais uma peça de arte de uma artista portuguesa: Sara Bichão. Desde que António Costa assumiu o cargo, em Novembro de 2015, que este é um acto que se repete. "É uma forma de homenagear a cultura, mas também porque celebrar a liberdade é um incentivo à criação cultural e à criatividade", disse.

No entanto, salientou que "havia uma ausência muito significativa, porque todas as obras eram assinadas no masculino e não havia artistas no feminino". "Começámos a corrigir primeiro com a Lourdes Castro e depois com a Fernanda Fragateiro. Hoje, damos um novo passo com esta peça da Sara Bichão", esclareceu.

O primeiro-ministro frisou ainda o pormenor de se tratar de alguém que nasceu 12 anos após do 25 de Abril, algo que ganhou relevância num ano com uma marca importante para o país, ou seja, "em que a liberdade já teve mais tempo de vida do que o tempo da ditadura".

"Esta é uma mensagem dirigida às gerações que já nasceram livres e viverão livres toda a sua vida", afirmou.

HÁ POVO NA AVENIDA

Direitos reservados

Direitos reservados

Carlos Pereira Martins

Carlos Pereira Martins

Carlos Pereira Martins

A festa voltou a sentir-se em pleno na principal artéria da cidade de Lisboa. Este ano, já sem qualquer constrangimento devido à pandemia, viu-se uma alegre multidão celebrar a democracia e a conquista da liberdade como direito fundamental. De cravos na mão, no peito ou pendurados na bandeira, milhares de pessoas desfilaram na avenida e, recordando os acontecimentos na Ucrânia, apelaram à paz

COM A GUERRA NA UCRÂNIA presente no tradicional desfile em Lisboa, a evocação do passado ganhou a força de outros tempos depois de dois anos com restrições devido à pandemia. Evocando-se o passado, mas com os olhos no presente, ouviu-se gritar "fascismo nunca mais", mas também desabafos pessoais de quem considera que ainda há trabalho a fazer para melhorar as condições de vida em Portugal.

"Isto agora é um paraíso, mas podia estar um pouco melhor", afirmou à Lusa Alfredo Fernandes, quando convidado a comparar os tempos de ditadura com os de democracia. Aos 94 anos desfilou com uma grande bandeira, fazendo recordar Carlos Alberto Ferreira - entretanto falecido - que em 2020 se tornou a imagem forte das escassas celebrações de rua no 25 de Abril.

Não quis tomar o lugar dele, sendo uma entre os milhares de pessoas na icónica avenida que não quiseram perder a oportunidade de celebrar a Revolução que mudou o país.

A comprovar como, 48 anos depois, não só não se esquece, mas também como as novas gerações vão aprendendo o significado e importância dos valores de Abril, desfilaram pessoas de todas as idades, dos mais jovens, que sempre viveram em liberdade, aos mais velhos, que conheceram a dura realidade da ditadura. Pedro Leitão, de apenas 20 anos, participou pela primeira vez: "É um momento de expressão da nossa liberdade e daquilo que somos", disse.

A ACTUALIDADE DOS VALORES DE ABRIL

Carlos Pereira Martins

Almirante Martins Guerreiro discursou sobre os valores de Abril no final do desfile da Avenida da Liberdade

Almirante Martins Guerreiro recordou as mudanças em 48 anos de democracia, sem esquecer os desafios do presente

"PORTUGAL DE TODOS E PARA TODOS os portugueses, é universal, é hoje um país prestigiado e respeitado, exactamente o contrário do que era na ditadura fascista e corporativa de Salazar e Caetano." No final do tradicional desfile na Avenida da Liberdade, o Almirante Martins Guerreiro realçou as mudanças que o país atravessou nos últimos 48 anos.

O Capitão de Abril, ex-director da revista *O Referencial*, recordou o passado, mas também falou sobre o presente e o futuro, considerando que os valores do 25 de Abril "são actuais mais do que nunca".

"Nenhuma circunstância pode ser invocada como desculpa para não estimular ou mesmo abandonar o exercício permanente das práticas democráticas", afirmou, acrescentando: "Temos de saber distinguir o que são processos democráticos e o que são processos populistas ou de manipulação da opinião pública e de exploração da emoção."

Disse ainda: "A hierarquia populista ou do poder instalado é mesmo inversa da democrática, para os populistas primeiro vem a lealdade ao chefe, depois aos amigos e aos interesses e só por último ao povo, é a hierarquia do corporativismo fascista. Essa não é a hierarquia de Abril onde a primeira fidelidade é ao povo, à Constituição da República Portuguesa e aos órgãos de soberania legitimamente constituídos."

Fez também um aviso: "Democracia não pode ser confundida com ditadura da maioria, ter maioria não significa ter razão, significa sim ter legitimidade para governar para todos visando o bem-estar geral."

Martins Guerreiro disse ainda: "Hoje no século XXI nada pode justificar: o recurso às armas como forma de fazer política, a invasão de um país por outro, a violação maciça das suas fronteiras e a morte de milhares de pessoas inocentes. Tal acto merece a nossa profunda rejeição, as vítimas merecem todo o nosso apoio, não podemos confundir agredido com agressor, mas também temos de perceber que diabolizar povos ou fazer constantes apelos às armas e à continuação da guerra, não é a melhor forma para ajudar as vítimas, para limitar os horrores e consequências da guerra ou para procurar vias de negociação que levem à PAZ."

E sublinhou: "Nós, portugueses e militares de Abril, sabemos por experiência própria que não é por via da intensificação da guerra, não é pela via do maniqueísmo simplista dos bons e dos maus, pela diabolização dos outros que podemos criar condições para chegar a vias de negociação, redução da guerra e dos seus horrores."

DEMOCRACIA
NO PÓDIO

Direitos reservados

O REGRESSO DA CORRIDA da liberdade é uma das iniciativas marcantes do 48.º aniversário deste 25 de Abril celebrado sem as restrições dos últimos dois anos. É o desporto ligado a uma data tão importante que atrai pessoas de todas as idades, das mais competitivas àquelas que aproveitam para fazer um pouco de desporto ou simplesmente desfrutar de estradas fechadas e poder correr/caminhar livremente.

De norte a sul do país e sem esquecer as ilhas, centenas de pessoas participaram nas diferentes corridas que se realizaram novamente em 2022. Da Maia, na região do Porto, a Portimão, na região do Algarve, passando por Lisboa e Setúbal, e não só, a liberdade também se celebrou através da prática do desporto. Porém, em tempos difíceis, juntou-se, em alguns casos, o lado solidário, com entregas de bens para ajudar quem mais precisa.

A da capital é uma prova já com muita história, com 43 edições, tendo a Praça dos Restauradores como local de chegada das três corridas abertas a todos, de todas as idades, incluindo os praticantes de desporto adaptado.

Carlos Pereira Martins

A Estufa-Fria encheu-se com sócios e amigos da Associação 25 de Abril

Carlos Pereira Martins

Coronel Vasco Lourenço leu a mensagem da Associação 25 de Abril para as comemorações do 48.º aniversário

JANTAR COMEMORATIVO

O JANTAR COMEMORATIVO da Revolução dos Cravos voltou a ser realizado depois de dois anos de interregno devido à pandemia. Dirigentes, sócios e amigos da Associação 25 de Abril e muitos convidados, num total de cerca de 300 pessoas, juntaram-se nos espaços da Estufa-Fria, em Lisboa, para assinalar aquele que é o dia inteiro e limpo da história portuguesa. Depois de um convívio muito confraternizado pelo espírito de Abril, o presidente da A25A, coronel Vasco Lourenço, leu para todos os presentes a mensagem da A25A preparada para este 48.º aniversário, destacando: "Hoje, festejamos a Liberdade e a Democracia, mas queremos também festejar a Paz".

AO SABOR DA CULTURA

Direitos reservados

Foram muitas as iniciativas que marcaram os festejos do 48.º aniversário

LISBOA PODE CONCENTRAR alguns dos principais eventos comemorativos do 25 de Abril, mas a data é sempre evocada de norte a sul do país, com diversas iniciativas que tanto têm de festa, como de recordação do dia, para mostrar aos mais novos o que foi a Revolução dos Cravos.

A área da cultura ganha particular relevância, pois entre exposições, poesia, teatro e música, reflete-se sobre o significado da data para os portugueses. Foi o caso de Grândola, local onde os valores da liberdade, democracia e fraternidade ficaram eternizados pela canção de Zeca Afonso. Actuaram Dino D'Santiago e a banda Golosa La Orquesta, tendo havido ainda um momento piromusical, além de a população ter sido convidada a criar um cravo humano na Praça da Liberdade.

Em Palmela, os festejos foram além da noite de 24 e do dia 25. Paulo de Carvalho foi um dos artistas no cartaz - também actuou em Barcelos -, algo sempre marcante não tivesse sido *E Depois do Adeus* uma das canções que serviram de senha para o início da Revolução em 1974. Em Almada, além de concertos, outras iniciativas se mantiveram nos dias que se seguiram ao 25 de Abril, designadamente exposições, cinema, oficinas artísticas, leituras e contos.

Em Leiria, a poesia esteve em destaque. A *Ronda-Leiria Poetry Festival* passou por salas do castelo, assim como pela biblioteca, uma antiga igreja, o mercado, as escolas, a prisão e até o hospital, para espalhar a palavra e lembrar que Poesia É Liberdade. Houve espaço para conversas, mesas-redondas, debates, concertos, *poetry slam*, oficinas, apresentações de livros e acções de rua, entre outros momentos impregnados pelos valores de Abril.

No Porto, o destaque foi para outro nome importante da música portuguesa: Sérgio Godinho, que está a celebrar 50 anos de carreira. Na Invicta, a Casa da Música cumpriu o ritual de celebração da Liberdade, com o festival Música & Revolução, tendo sido esta edição dedicada à "pluralidade estética" do período efervescente do Maio de 68.

A Casa da Memória de Guimarães criou uma agenda que quis fomentar "a descoberta, a pertença e a participação", com visitas orientadas para a exposição permanente, oficinas de impressão, estamparia, doçaria e teatro, concertos, instalação, leituras encenadas, comes e bebes.

Na Covilhã, realizou-se uma arruada com distribuição de cravos, enquanto, em Barcelos, estava agendado um encontro de para-quedistas e outros combatentes, que incluía largada nos céus desta cidade minhota.

A Sul, em Loulé, como forma de homenagem a cantautores de intervenção como José Afonso, Fausto Bordalo Dias, Vitorino Salomé, Sérgio Godinho, José Mário Branco ou Adriano Correia de Oliveira, nasceu o projecto - *Cantigas de Maio* - liderado pelo contrabaixista Bernardo Moreira (com o piano de Ricardo J. Dias, a guitarra de André Santos e a voz de João Neves). O concerto de lançamento foi a 25 de Abril.

Nas ilhas, tanto no Funchal, como em São Miguel, a música marcou os programas das comemorações.

Não constam aqui todos os eventos realizados no país, mas sabemos que, em todos os cantos e recantos do país, se viveu o espírito de Abril. E também em muitas comunidades lusas da diáspora, como, por exemplo, as do Canadá e do Brasil.

Direitos reservados

Almoço comemorativo do 25 de Abril na Escola Secundária de Monserrate

VIANA DO CASTELO EM FESTA

O povo juntou-se na Praça da República para festejar a Revolução

RUI VIANA

APÓS DOIS ANOS, devido à pandemia do covid-19, as comemorações do 25 de Abril, em Viana do Castelo, voltaram para satisfação de muitos. E Abril voltou a ser comemorado na Praça da República. Assim aconteceu na noite de 24 para 25 de Abril, com apresentação de Raquel Amorim e Marisa Cambão, onde a poesia ecoou pelas suas vozes e depois com a actuação do Banda de Cá, um conjunto de Viana do Castelo, que marcou várias gerações. À meia-noite cantou-se *Grândola, Vila Morena*.

À mesma hora no Teatro Sá de Miranda decoria a peça *A Noite*, de José Saramago, pelo Centro Dramático do Noroeste e onde a "Grândola" voltou a ser entoada.

No dia 25 de Abril, além da alvorada festiva, decorreu uma romagem ao Cemitério Municipal, onde foi deposta uma coroa de flores em memória de todos quantos lutaram pela liberdade. Seguiu-se o almoço comemorativo do 25 de Abril, na Escola Secundária de Monserrate, que contou com uma intervenção de Mariana Rocha Neves, em nome da Comissão Promotora das Comemorações Populares de Viana do Castelo, e de Ernesto Videira, um aspirante miliciano que participou nas operações do 25 de Abril na cidade da Guarda, que procedeu à leitura da mensagem da Associação 25 de Abril, dado que este ano não foi possível comparecer nenhum Capitão de Abril.

Seguiu-se uma marcha até à Praça da República, com os Bombos de S. Sebastião, de Darque, local onde decorreu um espectáculo com a participação do Grupo Folclórico de Viana do Castelo e os Combos da Escola de Música AMADEUS.

À noite, no Cinema Verde Viana, foi projectado o filme *Salgueiro Maia – O Implicado*, da responsabilidade do AO Norte, que teve estreia nas salas de cinema, no passado dia 14.

As comemorações em Viana do Castelo prosseguiram no dia 26 de Abril com a inauguração de uma exposição – ilustrações do concurso para o cartaz do 25 de Abril dos alunos do concelho de Viana do Castelo, no Café Teatro; no dia 27 de Abril, apresentação do Coro Infantil da Academia de Música no auditório do IPVC com o programa "Canções de Abril", sob a direcção musical de Vitor Lima; à noite realizou-se um concerto –Canções sem tempo – interpretadas por Zeca Barbosa, Xico Malheiro e Cândido Barbosa, no Salão Nobre dos Bombeiros Voluntários de Viana do Castelo.

Direitos reservados

Na Escola Secundária de Santa Maria Maior realizou-se uma conferência com a presença do coronel Castro Carneiro, Capitão de Abril

De referir ainda que, no dia 22, na Escola Secundária de Santa Maria Maior, teve lugar uma conferência com a presença do coronel Castro Carneiro, Capitão de Abril, da parte da manhã, e, de tarde, na Escola Frei Bartolomeu dos Mártires, decorreu a sessão "Liberdade, sempre".

Fez ainda parte do programa das comemorações populares do 25 de Abril em Viana do Castelo, entre os dias 22 e 30 de abril, a exposição gráfica "General Vasco Gonçalves" (da Associação Conquistas da Revolução), sobre o centenário do seu nascimento, também na Escola Secundária de Santa Maria Maior

Assim, Viana do Castelo voltou a festejar Abril em liberdade, com grande adesão popular e muita juventude.

FESTA JOVEM

Direitos reservados

Comemoração do 25 de Abril realizou-se no pavilhão do Complexo Municipal do Desporto da Cidade de Almada, com a participação de centenas de atletas e a intervenção do coronel Domingos Pereira, em representação da A25A

INTEGRADA NAS COMEMORAÇÕES do 25 de Abril, realiza-se anualmente a Festa Jovem, este ano organizada pela Câmara Municipal de Almada em associação com a Federação Ginástica de Portugal e várias associações de ginástica de Lisboa e do distrito de Setúbal. A festa realizou-se no pavilhão do Complexo Municipal do Desporto da Cidade de Almada, com a participação de centenas de atletas e muito público, que não regateou aplausos às suas exibições.

A Festa Jovem é sempre coorganizada com a A25A e conta com a presença de representantes seus, sendo habitual que um desses representantes dirija umas palavras aos presentes, num clima de muita alegria e regozijo pela celebração da liberdade e dos valores de Abril. Este ano, a alocução foi proferida pelo coronel Domingos Pereira, como segue:

"Boa tarde gente de Almada, bem hajam pela organização de uma festa tão bonita!

Eu sou o coronel Domingos Pereira que em representação da A25A, vem deixar umas palavras de agradecimento e felicidade por poder confraternizar com gente jovem e competente, nas actividades que vão desenvolver.

Uma saudação também, a todas as organizações que, em colaboração com a A25A e a Câmara Municipal de Almada, tornam possíveis estas espectaculares celebrações.

E foi realmente em Abril, em tempo de Primavera, que graças à acção de alguns jovens militares primeiro, e com o povo depois, que uma revolução nasceu e se impôs plenamente, permitindo que espectáculos como este se possam realizar em liberdade. Foi a Revolução dos Cravos.

Já agora um aparte: alegra-me que a classe especial da Academia Militar aqui esteja presente, demonstrando o seu valor e espectacularidade de sempre, e por onde também passei, há mais de 50 anos. Um abraço.

Quando a Guerra assola de novo a Europa, é bom e salutar, e faz-nos bem à alma, poder assistir a uma festa como esta, numa terra de paz, trabalho e liberdade.

E é nas vossas mãos, juventude inteira e limpa, que está o futuro de Portugal, e que de uma forma mais fraterna, possa equilibrar a vivência de todo um povo, que na sua maioria, ainda sofre de algum atraso e grandes dificuldades.

É com gente como vocês, que a nossa geração, que está de abalada, deposita uma esperança imensa, no que será o futuro de Portugal.

Viva o 25 de Abril

Viva a Juventude de Portugal

Viva Portugal".

A Festa prosseguiu num pavilhão completamente cheio, com a exibição de vários grupos de ginástica e de dança, destacando-se a classe especial de mesa alemã da Academia Militar. O público nunca regateou aplausos aos atletas.

E FOI REALMENTE EM ABRIL, EM TEMPO DE PRIMAVERA, QUE, GRAÇAS À ACÇÃO DE ALGUNS JOVENS MILITARES PRIMEIRO, E COM O POVO DEPOIS, QUE UMA REVOLUÇÃO NASCEU E SE IMPÔS PLENAMENTE

GRUPO DE OEIRAS E CASCAIS DA A25A PRESENTE NAS ESCOLAS

Recomeçou este ano o programa de apoio às escolas dos concelhos de Oeiras, Cascais, Amadora e Sintra levado a efeito pela A25A, pelo seu Grupo de Oeiras e Cascais

As expectativas foram ultrapassadas, pois assistiram às palestras proferidas nas escolas 2828 alunos e 141 professores de 12 estabelecimentos de ensino

DEPOIS DE DOIS ANOS de interrupção, recomeçou este ano o programa de apoio às escolas dos concelhos de Oeiras, Cascais, Amadora e Sintra levado a efeito pela A25A, pelo seu Grupo de Oeiras e Cascais. Este programa, baseado em protocolos informais com várias escolas desenvolve-se há cerca de 12 anos, envolve habitualmente mais de um milhar de alunos e destina-se aos 9º e 12º anos no âmbito da disciplina de História. Foca-se essencialmente em temas que abordam a vida dos portugueses desde a II Guerra Mundial até à atualidade, com especial enfoque no 25 de Abril e acontecimentos relacionados.

Este ano, as expectativas foram ultrapassadas, pois assistiram às palestras proferidas nas escolas 2828 alunos e 141 professores de 12 estabelecimentos de ensino.

Entre as sessões levadas a efeito é de realçar o programa desenvolvido pela Escola Frei Gonçalo Azevedo, de Cascais, que organizou, a propósito do 25 de Abril, uma exposição com um nível considerável, com muito êxito. Assistiram às respetivas palestras 1430 alunos e 59 professores. O programa teve o seu ponto alto numa palestra especial, em que estiveram presentes pais e outros familiares dos alunos e tiveram a intervenção de ex-combatentes e ex-presos políticos que transmitiram as suas experiências, falando das prisões e torturas pela polícia política do antigo regime e outras circunstâncias das suas vidas.

O programa de apoio às escolas continuará a desenvolver-se, como uma ação de divulgação dos valores de Abril entre os jovens alunos e de afirmação da disponibilidade dos representantes da A25A (secção de Oeiras e Cascais) para transmitirem de forma presencial, as suas experiências e ensinamentos.

Direitos reservados

ALMOÇO DE ABRIL

NO DIA 14 DE MAIO foi retomado o almoço-convívio em Oeiras de comemoração do 25 de Abril. A iniciativa foi do grupo de Oeiras/Cascais (grupo da linha) da A25A, da RCO - Rede de Cidadania de Oeiras e da MAPA - Associação Cultural de Oeiras, em parceria, como tem acontecido. Juntaram-se a Desenhando Sonhos, associação de reformados, para reformados, professores de escolas de Abril, como foram os Drs. Arlindo Rodrigues e Olga Prata, distintos professores de História e Filosofia da Escola Rui Gonçalo de Azevedo, e também a Dra. Isabel Maria Martins, da Fundação D. Luís, da Câmara Municipal de Cascais, a qual faz a ligação às escolas do respetivo município.

No convívio falou-se dos projetos culturais e de apoio às escolas com a colaboração da A25A e das entidades representadas, com o objectivo de divulgar e de acentuar a importância da defesa da liberdade e dos valores de Abril.

Direitos reservados

SÃO PAULO RECORDOU REVOLUÇÃO DOS CRAVOS

O 25 DE ABRIL NÃO FOI ESQUECIDO do outro lado do mundo, pelos portugueses que vivem no Brasil, nem por parte da classe política de São Paulo. Um acto solene decorreu na Assembleia Legislativa deste Estado brasileiro, que contou com muito público, principalmente jovem.

A homenagem a todos os que tornaram possível o dia que marcou uma mudança na história de Portugal teve a iniciativa do deputado estadual Paulo Fiorilo, e contou com o apoio do Centro Cultural 25 de Abril, Casa de Portugal, Grupo Abril Sempre, Centro Académico 22 de Agosto da Universidade Católica de São Paulo e de outras entidades.

Estiveram presentes o cônsul-geral de Portugal em São Paulo, Paulo Lourenço, o vice-presidente da Casa de Portugal, Renato Afonso, e muitas mais personalidades e docentes de universidades de São Paulo.

A música Grândola Vila Morena marcou o início do acto solene que decorreu ao final da tarde de 26 de Abril, antecedendo discursos que se destacaram pela defesa da democracia, do Estado de Direito e do significado do dia decisivo para pôr fim à ditadura em Portugal, então liderada por Marcelo Caetano, e proceder à viragem para um país democrático e livre.

De salientar que no dia 25 de Abril foram colocadas flores no monumento As Portas que Abril Abriu, na praça Mestre de Avis, em São Paulo.

LUGARES DE ABRIL SEMPRE

Direitos reservados

Presidente da Câmara de Lisboa, Carlos Moedas, na inauguração da lápide na Rua Capelo, onde estiveram instalados os estúdios da Rádio Renascença

Ponto alto das comemorações do 48.º aniversário foi a colocação de cinco novas placas evocativas da Revolução dos Cravos em locais considerados determinantes na "Operação Viragem Histórica"

O PROJECTO LUGARES DE ABRIL prosseguiu em 2022. A iniciativa consiste na colocação de lápides evocativas dos momentos significativos da Alvorada de Abril, promovida pela Associação 25 de Abril (A25A) em parceria com a Câmara Municipal de Lisboa e iniciada

por ocasião dos 45 anos do 25 de Abril, por impulso do presidente da A25A, coronel Vasco Lourenço.
As novas lápides descerradas em Lisboa, nos dias 24 e 25 de Abril de 2022 - Avenida da Ribeira das Naus, Ponte 25 de Abril, Casa da Moeda, Escola Prática de Transmissões e Rádio Renascença -, vieram juntar-se às nove anteriormente colocadas - Escola Prática de Administração Militar, Batalhão de Caçadores n.º 5, Quartel-General do Governo Militar de Lisboa, Comando-Geral da Legião Portuguesa, Emissores Associados de Lisboa, Rádio Clube Português, Terreiro do Paço, Rua do Arsenal e Emissora Nacional. Todos estes locais assinalam parte do percurso que, com o desencadear da "Operação Viragem Histórica", o Movimento da Forças Armadas tinha traçado para aquela operação militar. Cada uma das lápides dispõe de um QR code (versão bidimensional do código de barras), através do qual se obtém a descrição do episódio revolucionário ocorrido nesse local.

RÁDIO RENASCENÇA

Na inauguração da lápide colocada na Rua Capelo, em Lisboa, onde funcionava no dia 25 de Abril de 1974 a Rádio Renascença, estação da Igreja Católica que, às zero hora e vinte minutos do dia 25, emitiu, para todo o território nacional, a senha que confirmava o desencadear da "Operação Viragem Histórica", o presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Carlos Moedas, assinalou que a colocação de placas na cidade tem um valor enorme ao permitirem que as pessoas conheçam os locais físicos da Revolução dos Cravos. "É essa história que tem que ser contada e passada aos mais novos, de forma a mantermos a nossa memória colectiva", disse o presidente da autarquia. Carlos Moedas esteve acompanhado pelo representante da A25A, o capitão-de-mar-e-guerra Carlos Contreiras, um dos operacionais daquela revolução histórica.

CASA DA MOEDA

Outro dos novos locais está assinalado no passeio em frente à entrada principal da Casa da Moeda, adjacente à Avenida António José de Almeida. A cerimónia decorreu pelas 12:15 horas do dia 25 de Abril com a presença da vereadora da Cultura, Arquiteta Filipa Roseta, do vogal do conselho de administração da INCM, Alcides Gama, e de seis militares, acompanhados de familiares, que em 1974 participaram nas operações de controlo da Casa da Moeda. Cerca de 20 pessoas assistiram à cerimónia.
Em nome da A25A, o coronel Isaías de Figueiredo Ribeiro dirigiu algumas palavras aos presentes lembrando que, quando há 48 anos encetaram a aventura de controlar aquela instituição, para levar a bom termo a "Operação Viragem Histórica", eram então "jovens que, como outros, decidiram arriscar tudo, sentindo ser seu dever resgatar Portugal de um regime opressivo, limitador de horizontes de progresso e liberdade, e que lhe impunha uma guerra cada vez mais sem sentido." E sublinhou: "Foi um dia maior, em que à generosidade e intrepidez de uns quantos, se juntou o povo em explosão de entusiamo e esperança." O coronel terminou afirmando: "A placa colocada em frente da Casa da Moeda e hoje simbolicamente inaugurada, lembra que este local – Local de Abril – fez parte desse dia inolvidável."

Direitos reservados

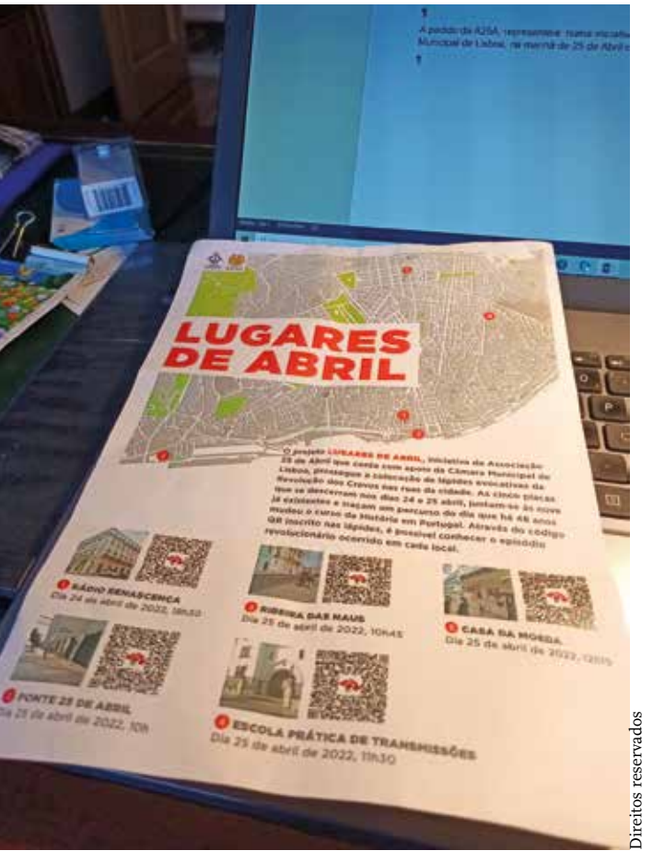
Os militares presentes na Casa da Moeda,(com menção da patente atual e da que tinham então) foram: coronel de Engª José Emílio da Silva, major; tenente general Eduardo Carneiro Teixeira, capitão; major de Engª José Luís da Rocha Dores; tenente; coronel de Engª Isaías de Figueiredo Ribeiro, tenente; coronel de Engª Ramiro Cardeira Martins, tenente; coronel de Engª Aníbal Benjamim Carvalho Soares, tenente; alferes miliciano de Engª Paulo Meireles Pereira

Direitos reservados

Local assinalado na Ribeira das Naus, num passeio em frente ao antigo Ministério do Exército, onde se realizaram diversas acções essenciais para o êxito da "Operação Viragem Histórica"

RIBEIRA DAS NAUS

Outros local assinalado encontra-se na Ribeira das Naus num passeio em frente ao antigo Ministério do Exército, local onde se realizaram diversas acções, essenciais para o êxito do 25 de Abril, levadas a cabo pelo Grupo de Esquadrões (reconhecimento blindado e atiradores) da Escola Prática de Cavalaria (EPC), Santarém, comandado pelo capitão de cavalaria Fernando Salgueiro Maia.
A vereadora da Câmara, Laurinda Alves, presidiu à cerimónia acompanhada por três elementos da autarquia. Em representação da A25A, o coronel Carlos Maia de Loureiro salientou que assumia a sua presença ali também "em nome de todos os militares que integraram a coluna militar que partiu da EPC."
Foi uma cerimónia curta mas muito digna, onde os presentes tiveram ocasião para conversar sobre alguns dos momentos mais significativos que ocorreram ali e na Praça do Comércio.
O coronel Carlos Maia de Loureiro relatou aquele que considerou ser um dos momentos mais marcantes de todas as acções naquela memorável manhã em que também esteve envolvido.
Contou: "Foi quando as forças fiéis ao regime, incluindo carros de combate, comandadas pelo brigadeiro Junqueira dos Reis, se aproximaram



Direitos reservados

Novos locais ligados à Revolução dos Cravos assinalados nos dias 24 e 25 de Abril

das nossas forças. Salgueiro Maia, pegando numa granada defensiva - dizendo 'é agora e se der para o torto rebento isto e ficamos todos aqui' -, dirigiu-se, seguido de perto por mim, para as forças adversárias a fim de entrar em diálogo. O brigadeiro dá ordem para disparar sobre nós ao alferes miliciano Sottomayor, não sendo obedecido. Seguidamente, aponta a pistola ao cabo apontador Alves e ordena que dispare, mas este replica que só obedece ao seu alferes. Então o brigadeiro retira-se dando dois tiros de pistola para o ar".

O coronel Carlos Maia de Loureiro citou depois as palavras de Salgueiro Maia: "Mas a cena mais bela é quando o cabo sai da viatura e vem juntar-se a nós. Se há uma insubordinação, uma sublevação e destruição de uma estrutura é o cabo que as faz. Cabo que é seguido pelos atiradores que progrediam com os carros e que estão atrás destes. A fotografia de Eduardo Gageiro retrata esse momento: eu a regressar à minha força. Venho a morder os lábios, porque não tenho dúvidas de que o 25 de Abril está ganho, é imparável".

A cerimónia terminou com palavras de agradecimento de Laurinda Alves à Associação 25 de Abril e ao seu representante.

ESCOLA PRATICA DE TRANSMISSÕES

Pelas 11:30 horas, uma outra lápide foi igualmente colocada na Escola Prática de Transmissões, na Rua dos Sapadores, o Lugar de Abril na cidade de Lisboa que nas operações militares do MFA desempenhou um papel fundamental no controlo das comunicações, com relevante interesse na condução da manobra dos Capitães de Abril.

A vereadora Filipa Roseta, em representação da Câmara Municipal de Lisboa, presidiu à cerimónia de inauguração da lápide acompanhada pelo adjunto do Vereador da Cultura, Júlio Sequeira; pela assessora do Vereador da Cultura, Rute Mendes; e pela Chefe da Divisão da Salvaguarda do Património Cultural, Ana Silva Dias. Em representação da Associação 25 de Abril esteve o tenente-general Francisco Fialho da Rosa.

A vereadora Filipa Roseta mostrou interesse em conhecer com algum detalhe o significado daquele "Lugar de Abril". Todos os esclarecimentos foram, de forma muito informal, imediatamente prestados pelo tenente-general, começando por contextualizar a EPT nos meios de comunicações que possuía e controlava. Explicou depois a singularidade da acção dos Capitães de Abril no contexto daquela EPT e a sua ligação ao posto de comando na Pontinha.

PONTE 25 DE ABRIL

Lugar de Abril por excelência, a icónica ponte entre Lisboa e Almada recebeu também um pequeno grupo de pessoas para assinalar o gesto simbólico de inauguração da lápide com o QR code.

Nessa cerimónia estiveram presentes, em representação da Câmara Municipal de Lisboa, o adjunto do Pelouro da Cultura, Júlio Sequeira, acompanhado de outros elementos da autarquia, e, em representação da Associação 25 de Abril, esteve o coronel Valdemar J.O. Patrício, acompanhado pela esposa.

Foi um momento muito simples, mas carregado de dignidade e de simbolismo, tanto mais que aquela ponte, depois do dia da Revolução, é, em si mesma, uma invocação permanente da madrugada libertadora. A lápide está no passeio em frente ao portão de acesso ao pilar da ponte que conduz ao elevador panorâmico.

Novos lugares serão inaugurados até 2024, quando a Revolução celebrar o 50.º aniversário, prevendo-se que nessa data sejam 25 as lápides espalhadas pela cidade de Lisboa.

Direitos reservados

Ao centro o coronel Valdemar J.O. Patrício e a esposa, acompanhados por representantes da autarquia lisboeta

Carlos Pereira Martins

Liberdade política. João Céu e Silva, Laborinho Lúcio (ao centro) e Dulce Afonso, moderadora e coordenadora do ciclo

CICLO LIBERDADE(S)

Integrado no *5L - Festival Literário Lisboa*, iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa, a A25A promoveu, com programação própria, um ciclo que denominou "Liberdades", entre 4 e 8 de Maio, na continuidade das comemorações do 48.º aniversário do 25 e Abril

NO SEGUIMENTO DAS COMEMORAÇÕES do 48.º aniversário do 25 de Abril, a A25A organizou o ciclo "LIBERDADES". A iniciativa decorreu nas suas instalações, em Lisboa, entre 4 e 8 de Maio, integrado no *5L- Festival Literário de Lisboa*, na sua II edição, ao qual a A25A aderiu com uma programação própria.

Tendo como pano de fundo o 50.º aniversário da Revolução, o tema "Liberdade" surgiu como o mais apropriado para dar título ao ciclo que, no espírito do 5L, celebra simultaneamente a Língua, a Literatura, os Livros, as Livrarias e a Leitura.

Ao longo dos cinco dias do Festival, o programa da A25A foi preenchido com quatro conversas sobre quatro liberdades que uma sociedade democrática mais preza: a liberdade política; a liberdade criativa; a liberdade de movimentos; e a liberdade de expressão. O quinto momento foi preenchido com o lançamento de um livro.

A coordenação e moderação de todas as sessões esteve a cargo de Dulce Afonso, membro da direcção da A25A.

A sessão inaugural de 4ª feira, dia 4, com o tema a "liberdade política", contou com a presença do juiz conselheiro Álvaro Laborinho Lúcio, escritor com várias obras publicadas. A conversa desenvolveu-se em torno de um dos livros de sua autoria *As Sombras de uma Azinheira*, narrativa de uma história familiar que percorre os 45 anos anteriores e os 45 anos posteriores ao 25 de Abril.

Com o magistrado esteve o jornalista João Céu e Silva que, além de profissional de informação, é também crítico literário e escritor com várias obras dadas à estampa.

Ambos abordaram a temática do livro *As Sombras de uma Azinheira* tentando responder a uma questão central: neste caminho de quase cinco décadas de democracia, o que fizemos da liberdade política, que uso lhe demos e lhe damos, que valor real lhe atribuímos?

A conversa de 5.ª feira, às 16:00, teve como tema a "liberdade criativa". As protagonistas foram: Teresa Coutinho, uma das mais destacadas actrizes e dramaturgas da actualidade, criadora do Clube dos Poetas Vivos, no Teatro Nacional D. Maria II; e Gisela Casimiro, portuguesa nascida em Bissau, escritora, poeta, artista, activista.

A conversa de ambas, perante o auditório, focou-se na questão: Como é que a arte, o teatro, a escrita, a poesia, podem ser armas para afirmarmos a liberdade de sermos quem somos, sem medo, e como é que transformamos a criatividade numa forma de luta contra o preconceito, contra todos os preconceitos?

Na 6.ª feira, às 18 horas, não aconteceu uma conversa a dois, mas sim o lançamento do livro *A Grande Aventura*, de Mário Correia.

Trata-se de uma obra sobre a Primeira Travessia Aérea do Atlântico Sul, por Sacadura Cabral e Gago Coutinho, que este ano completa 100 anos e que abriu as portas de uma outra liberdade, a liberdade de podermos cruzar continentes pelo ar.

Carlos Pereira Martins

Liberdade criativa. Teresa Coutinho (à esquerda), uma das mais destacadas actrizes e dramaturgas da actualidade, e Gisela Casimiro, portuguesa nascida em Bissau, escritora, poeta, artista, activista

Carlos Pereira Martins

Lançamento do livro *A Grande Aventura*, decorreu na A25A. Na mesa Vasco Lourenço, Mário Correia e Dulce Afonso

Direitos reservados

Liberdade de movimentos. Vasco Lourenço, Constança Urbano de Sousa, Vítor Belanciano e Dulce Afonso

Mário Correia foi aviador entre 1973 e 1983, e a partir daí, até 2014, foi conservador do Museu do Ar. Coordenou o projeto museológico de instalação do Museu do Ar em Sintra, em 2009, o qual veio a receber em 2013 o prémio da Associação Portuguesa de Museologia para o melhor museu português.

No sábado, às 17:30 decorreu a conversa sobre "liberdade de movimentos" com a participação da antiga ministra da Administração Interna, Constança Urbano de Sousa, e Vítor Belanciano, professor universitário, jornalista cultural, crítico musical e cronista. Ambos conversaram sobre os fenómenos hoje incontornáveis das migrações económicas e sociais, dos refugiados de guerra, e do direito à liberdade de movimentos.

Constança Urbano de Sousa tem uma extensa actividade como docente universitária e como dirigente de várias instituições portuguesas e europeias nas áreas do Direito das Migrações e Asilo. É também autora de vasta bibliografia nestas áreas e defensora da União Europeia como espaço de liberdade, segurança e justiça.

Vítor Belanciano acredita que a cultura está em tudo, capaz de traduzir de forma simples realidades complexas, capaz de assimilar, em vez de dividir.

A reflexão de ambos teve como foco: se a cultura é uma forma de assimilar em vez de dividir, e se queremos uma União Europeia como espaço de liberdade, segurança e justiça, o que é que falta para que a liberdade de movimentos seja um direito natural de todos, e especialmente daqueles que procuram a sobrevivência e a dignidade?

Finalmente, no domingo, também às 17:30, e a fechar este ciclo, decorreu uma conversa sobre "liberdade de expressão".

Participaram Manuela Goucha Soares, jornalista política e social, há mais de 30 anos no semanário Expresso, e também escritora, e Carlos Matos Gomes, Capitão de Abril, escritor e investigador de história militar contemporânea, com uma vasta obra ficcional sob o pseudónimo literário de Carlos Vale Ferraz.

Ambos reflectiram sobre os perigos que corre a liberdade de expressão actualmente, sobre liberdade de expressão *versus* liberdade de informação, o papel do poder na disseminação da informação, e outros temas relacionados, nomeadamente a concentração dos media em grandes grupos económicos, *fake news* [notícias falsas], censura, formação de jornalistas, independência e imparcialidade.

As cinco sessões estão disponíveis no canal youtube da A25A e vale a pena ver. *https://www.youtube.com/user/A25Abril/videos*

Liberdade de Expressão. Vasco Lourenço, Manuela Goucha Soares, Carlos Matos Gomes e Dulce Afonso

A exposição chama-se "proibido por inconveniente", contém centenas de documentos inéditos, e é uma ideia de José Pacheco Pereira, coordenador do arquivo Ephemera

"TUDO O QUE MEXE, CORTA-SE!"

Direitos reservados

A censura foi a instituição mais eficaz do Estado Novo, porque ainda hoje está viva no desprezo pela democracia, pelos partidos, pela política, na apologia do consenso, do unanimismo, tudo coisas que não são democráticas

Exposição de José Pacheco Pereira mostrou o funcionamento da censura nos 48 anos de ditadura

NO ANTIGO EDIFÍCIO-SEDE do *Diário de Notícias*, em Lisboa, esteve patente ao público a exposição "Proibido por inconveniente - Materiais das Censuras no Arquivo Ephemera", uma iniciativa do historiador José Pacheco Pereira que mostrou ao país a dinâmica da censura no tempo da ditadura. Esta exposição foi realizada no âmbito das comemorações do 48.º aniversário do 25 de Abril.
A censura, que amordaçou o país durante 48 anos, foi "a arma mais eficaz do regime da ditadura". instaurada logo após o golpe de 28 de maio de 1926, estendendo-se até 1974, foi exercida sobre a imprensa, a literatura, a arte, a publicidade, todos os meios de comunicação e de expressão artística, com o objetivo de silenciar críticas e pensamentos discordantes do "bem comum", criando a imagem de um país ideal, bem diferente do país real, aquele "que não podia vir a público", explicou o historiador José Pacheco Pereira na abertura da exposição.
Jornais, livros, revistas, discos, autos, relatórios e publicações clandestinas, oriundos da biblioteca e arquivo de Pacheco Pereira estiveram dispostos por vários expositores, e 88 gavetas.
A censura proibia mas também fazia despachos de autorização. A censura actuava com lápis grosso, vermelho numa ponta e azul na outra. A censura " foi a instituição mais eficaz do Estado Novo, porque ainda hoje está viva", considerou Pacheco Pereira, sinalizando o carácter global e pedagógico da exposição. "Está viva no desprezo pela democracia, pela diferença, pelos partidos, pela política, na apologia do consenso, do unanimismo, tudo coisas que não são democráticas. Criou-se a ideia de que a política é uma actividade menor", disse.

Filipe Ferreira

QUATRO X QUATRO

ENTREVISTA COM TIAGO RODRIGUES

"A MELHOR DEFESA DA LIBERDADE É A SUA PRÁTICA DIÁRIA"

Em "Quatro x quatro" (quatro perguntas para quatro respostas, em quatro décadas de democracia), as respostas às questões colocadas e referentes à liberdade, democracia, cultura e ainda ao Estado e sua relação com os cidadãos são dadas por um dramaturgo que é também actor, encenador e produtor teatral. Que recebeu, entre muitos outros, o Prémio Europeu Realidades Teatrais e o Prémio Pessoa e que foi distinguido, pela República Francesa, com o grau de Cavaleiro da Ordem e das Letras e, pelo governo português, com a Medalha de Mérito Cultural. Chama-se Tiago Rodrigues e tem 45 anos. Foi, entre 2015 e 2021, director artístico do Teatro Nacional D. Maria II e será, a partir de Setembro, director do prestigiado Festival d'Avignon (França), um lugar que, pela primeira vez, passará a ser ocupado por um estrangeiro.

ALEXANDRE MANUEL* E CARLOS MATOS GOMES**

– Dos termos mais utilizados no discurso político, a liberdade é uma palavra encantatória, constituindo mesmo objecto apetecido de manipulação e falsificação. Não é, no entanto, um conceito abstrato, de tal modo que os autores do 25 de Abril o pretenderam explicitado no seu programa. Cinquenta anos quase passados, que conteúdo entende que a liberdade deve ter na sociedade em que vivemos e na sociedade que queremos projetada? Quais os perigos que, na sua opinião, corre essa mesma liberdade e o que podemos (devemos) fazer para a defender?

– De todos os valores democráticos, de todos os valores de Abril, a liberdade é talvez aquele que mais vezes é alvo de manipulações e tentativas de apropriação, seja para benefício próprio, seja com o objectivo de atacar a própria democracia. Quando estudei centenas de horas de discursos de líderes de extrema-direita de todo o mundo para escrever uma cena de uma peça de teatro em que um fascista fazia um discurso, decidi precisamente começar essa cena com a personagem do fascista a dizer: "quero falar-vos de liberdade".

Quase meio século depois do 25 de Abril, penso que o que permite continuarmos a defender a liberdade é a nossa capacidade de a conjugarmos permanentemente com outros valores e direitos democráticos. A minha amiga negra não será verdadeiramente livre enquanto a justiça portuguesa não a tratar com os mesmos critérios com que trata a minha amiga branca. O meu amigo cigano não será verdadeiramente livre enquanto não tiver as mesmas oportunidades do que eu numa entrevista de trabalho para a qual temos as mesmas habilitações. O meu amigo de Bragança não será verdadeiramente livre enquanto não tiver o mesmo acesso a uma vida cultural do que o meu amigo de Guimarães. O mesmo con-

ta para a saúde, a segurança, a educação. Nesse sentido, a liberdade não tem apenas de ser defendida, tem de ser praticada. Temos de usar a liberdade de expressão para nos indignarmos. Temos de usar a liberdade de associação para nos mobilizarmos. A melhor defesa da liberdade é a sua prática diária.

– Não sendo um termo unívoco, nem tendo uma interpretação única, é fundamental que a democracia seja a expressão livre da vontade maioritária de uma sociedade, tanto no modo como pretende ser governada, como ainda em relação à preservação dos seus valores e concretização dos seus desejos. Não terá sido, pois, por acaso que o programa do MFA proclamou a intenção de implantar uma "Democracia" para substituir uma "Ditadura". A expressão dessa proposta, um dos "D" do programa, é a Constituição da República Portuguesa. Passados todos estes anos, como entende que, hoje, a vontade dos cidadãos pode ser ameaçada (ou não) pelos grandes e cada vez mais poderosos meios de comunicação, frequentemente acusados de se terem transformado em agentes manipuladores, falseando, inclusive, os elementos essenciais para uma livre expressão, para uma séria informação?

– A concentração de meios de comunicação social em grandes grupos económicos que tendem a influenciar a vida política é, há muitas décadas, um sério problema da democracia. Uma versão cada vez mais mercantilista do jornalismo que vem imperando nos últimos anos também desvia cada vez mais esta actividade da sua dimensão de serviço público e do código deontológico que a devia reger.

No entanto, diria que a maior ameaça à democracia é a desinformação e a miríade de mecanismos digitais de distribuição de falsas notícias e mentiras com o intuito de influenciar o posicionamento político ou os hábitos de consumo de utilizadores de redes sociais ou outras aplicações tecnológicas. É essencial que as sociedades democráticas encarem a questão da desinformação como a enorme ameaça que é não apenas para o acesso a informação credível, mas também para a educação científica e cultura geral mais elementar das pessoas. O aumento da desinformação merece políticas públicas urgentes que estarão na linha da frente para defender a democracia e os seus valores.

– O Estado de Direito constitui uma conquista civilizacional que pretende equilibrar o poder soberano do Estado – tendencialmente totalitário – e o poder do indivíduo – tendencialmente restrito e centrado em interesses particulares. Foi, de facto, uma conquista, no sentido da construção de uma sociedade mais justa, capaz de equilibrar o interesse da coletividade com o direito dos cidadãos. Uma das graves questões do nosso tempo centra-se exactamente na relação do Estado com os cidadãos, de um Estado prestador de serviços, através da administração pública a esses mesmos cidadãos, seus "clientes", e ainda de um Estado, entidade de defesa de direitos individuais contra as oligarquias e as corporações. Como, na sua opinião, pode (deve) o Estado melhorar a sua relação com os cidadãos?

– Parece-me que uma das batalhas fundamentais a travar em nome da democracia nas próximas décadas é a promoção da participação cívica. É vital combater a abstenção de que nos lamentamos a cada sufrágio, mas contra a qual pouco se vai fazendo entre eleições. No entanto, é igualmente importante aprofundar outros meios de participação cívica das pessoas, através da política, da solidariedade, da cultura, do associativismo, do desporto. Numa sociedade fundamentalmente capitalista onde somos cada vez mais consumidores em vez de cidadãos, as regras do mercado encaminham-nos para o desejo de conforto e sedentarismo, que é um desejo contrário à participação na vida pública. Tudo na nossa sociedade nos diz: "quanto menos esforço fizeres, mais valor tens, porque isso significa que tudo vem ter contigo à distância de um clique, do que comes ao que lês, do lazer ao trabalho". Temos de fomentar o desejo contrário, que nos faz sair do conforto, ir ao encontro do outro, da diferença, do diálogo, do debate, da pluralidade, da diversidade. Isto significa não alimentar a dicotomia indivíduo/Estado, mas opor-lhe a alternativa que pode ser a sociedade civil, o povo que participa da sua democracia.

– As sociedades e os seres humanos não conseguem manter a sua coesão sem uma visão de futuro, sem uma Esperança, aquela esperança que, podendo ser embora um projecto individual ou familiar, é sempre, no entanto e também, um projecto político. O que, quanto a si, deve ser entendido como elemento mobilizador, como farol de esperança para Portugal?

O ROSTO DA ENTREVISTA

Filipe Ferreira

TIAGO RODRIGUES – Encenador, actor, dramaturgo e produtor teatral, Tiago Rodrigues (nascido na Amadora, em 1977) iniciou praticamente a sua carreira em 1997, quando, depois de ter colaborado com os Artistas Unidos, trocou a Escola Superior de Teatro e Cinema pela companhia belga tg STAN, tendo cociado e interpretado espectáculos, em inglês e francês em dezena e meia de países. Foi a liberdade aí encontrada que, como recorda, influenciou boa parte dos seus projectos futuros, "confirmando o vínculo ao trabalho colaborativo sem hierarquia".

Em 2003, fundou, com Magda Bizarro, a companhia Mundo Perfeito, através da qual criou e apresentou, ao longo de 11 anos, dezenas de criações (cerca de 30, em mais de 20 países), tornando-se presença regular em alguns dos mais importantes eventos teatrais, como, por exemplo, o Festival d'Automne à Paris, Meteos Festival (Noruega), Theaterformen (Alemanha), TransAmériques (Canadá) ou Kunstenfestivaldesarts (Bélgica).

Foi professor convidado em várias escolas, designadamente, na escola de dança contemporânea PARTS, em Bruxelas, na escola suíça de artes performativas Manufacture ou no projecto internacional Écoles des Maîtres. Em Portugal,

Filipe Ferreira

Depois de ter sido director do Teatro Nacional D. Maria II (Lisboa), entre 2015 e 2021, Tiago Rodrigues será, a partir de Setembro, director do Festival d'Avignon, em França

Serão, no caso, a cultura, o ambiente, a organização do trabalho, a educação, as relações interculturais, as novas famílias, as novas "aldeias"?
– Considero o ambiente, a cultura e a educação valores fundamentais para qualquer construção social futura, mais próxima ou mais longínqua daquela que temos agora. Penso que as grandes mudanças sociais e económicas que irão condicionar o futuro das próximas gerações poderão passar, se tivermos a lucidez e a coragem política que o futuro nos exige, pela transição de uma sociedade de produtividade para uma sociedade do cuidado, no sentido da saúde e da solidariedade social. O desenvolvimento tecnológico, a crise climática, a finitude dos recursos naturais, os esgotamentos do sistema capitalista abrem o caminho a uma sociedade centrada no cuidado e não no capital, traduzindo socialmente uma ideia de economia do cuidado, onde a finalidade é a qualidade de vida harmoniosa de todos e não o lucro desmesurado de alguns.

* Jornalista, professor universitário
** Coronel na reforma, escritor e sócio fundador da A25A

lecionou na Universidade de Évora, Escola Superior de Dança de Lisboa, ESMAE e Balleteatro (ambas do Porto), tendo dirigido vários projectos de pesquisa, formação e experimentação. De referir, entre as suas peças (muitas delas premiadas), *By Heart*, *António e Cleópatra*, *Bovary*, *Catarina e a beleza de matar fascistas*, *O Cerejal* (estreada no Festival d'Avignon, em 2021), *Coro de Amantes ou Dans la mesure de l'impossible*, criada na Comédie de Genève. Paralelamente ao trabalho no teatro, escreveu argumentos para filmes e séries televisivas.
Entre (2015 e 2021), foi director artístico do Teatro Nacional D. Maria II, onde desenvolveu um verdadeiro projecto de renovação e um "importante trabalho de democratização" dos "públicos e circulação no território português e internacional".
De citar, entre os inúmeros prémios com que tem sido distinguido ao longo da carreira, o Prémio Europeu de Realidades Teatrais (2018) e o Prémio Pessoa (2019). Com a atribuição deste prémio, uma das distinções portuguesas mais relevantes nas áreas artística, literária e científica, o júri pretendeu consagrar uma carreira de "excecional projecção", tanto dentro como fora do país, atendendo, designadamente, ao "contributo notável" por ele dado ao "desenvolvimento do campo das artes performativas portuguesas". Em Abril de 2019, foi condecorado, pela República Francesa, com o grau de cavaleiro da Ordem das Artes e Letras, tendo-lhe sido atribuído pelo governo português, em Dezembro de 2021, a Medalha de Mérito Cultural.
A partir de Setembro, passará a dirigir o Festival d'Avignon (França). Será o primeiro estrangeiro (não francês) a ser o responsável por aquele que é geralmente considerado "um dos mais importantes acontecimentos mundiais das artes do palco", além de no seu próprio dizer, ser "o mais belo festival do mundo".

PAZ NA UCRÂNIA

Manuel Fernando Araújo, Lusa

Discutir a paz exige que se discuta, antes de mais, as causas da guerra. Na imagem, a cônsul da Ucrânia no Porto, Alina Ponomarenko, participa na marcha da camisa branca "Vychyvanka", promovida pela Associação de Ucranianos do Porto, no Castelo do Queijo

Seria importante que, em Kiev, alguém tentasse utilizar a reduzida margem de manobra ainda existente para negociar com a Rússia. Caso contrário, não lhe restará outra solução que não seja a capitulação e a desintegração da Ucrânia como Estado independente

CARLOS BRANCO*

O PROLONGAMENTO DA GUERRA na Ucrânia torna o debate sobre a paz cada vez mais complexo. O que poderia ter sido ontem uma solução aceitável, não o é hoje. A solução possível nas semanas imediatamente após o dia 24 de fevereiro, em que a Ucrânia mantinha a sua independência e integridade territorial, amputada apenas da Crimeia, tornou-se hoje extremamente difícil de obter. É cada vez mais claro, que os avanços territoriais russos no sul do país, em particular na zona que confina com a Crimeia, conduzirão à integração desses territórios na Federação Russa ou numa das repúblicas separatistas.

Tudo isto seria desnecessário se os dirigentes ucranianos não tivessem sido convencidos de que conseguiriam derrotar militarmente a Rússia, algo que qualquer analista neutral consideraria uma lucubração irrealizável, um grosseiro erro de análise. Qualquer solução que venha a ser alcançada passados mais de três meses desde o início do conflito, será mais desfavorável para a Ucrânia, do que aquela que podia ter sido obtida antes ou imediatamente após o início das hostilidades, em fevereiro.

A teimosia de Kiev em continuar a acreditar na possibilidade de vencer militarmente a Rússia, numa altura em que Washington começa a dissociar-se de Kiev, acusando os ucranianos de não lhe ter dado ouvidos, e de lhe ter sonegado informação operacional importante veio agravar seriamente a sua situação. Aplica-se o mesmo à crença de que o equipamento proveniente da ajuda internacional funcionará como a fada mágica que inverterá o rumo dos acontecimentos.

Kiev parece estar a ser vítima da sua própria campanha de desinformação, acreditando nas suas próprias contradições. Por isso, não aceita as imensas baixas que tem sofrido em combate, as consequências da sua inferioridade de meios, o baixo moral das suas forças armadas, as rendições dos seus militares, e a recusa de algumas unidades em combater. Como as guerras não se ganham nas redes sociais, mas nas frentes de batalha, a liderança ucraniana terá, mais tarde ou mais cedo, de perceber que tem de lidar com esta dura realidade. Quanto mais tarde for, mais desfavorável lhe será o resultado.

CAUSAS DA GUERRA

Discutir a paz exige que se discuta, antes de mais, as causas da guerra. Sem essa clarificação, o debate arrisca-se a ser tremendamente fútil. Um debate informado sobre o assunto

requer o recurso à teoria da resolução de conflitos, à teoria dos jogos, e à geoestratégia, entre outros instrumentos. Esse exercício deve sobrepor-se à propaganda e aos imensos *sound bites* que lançam ruído no espaço comunicacional (beneficiar o infrator, lutar até ao último ucraniano, não à paz a qualquer preço, etc.), se é que existe uma vontade genuína em encontrar a paz, em termos que terão, naturalmente, de levar em consideração os desenvolvimentos concretos no terreno, mas que terão sempre de refletir as razões que provocaram a guerra. Isso prevalecerá sempre sobre quaisquer considerações de âmbito moral que possamos fazer.

A presente guerra na Ucrânia não é uma luta das democracias contra as autocracias, nem uma cruzada do mundo livre contra o obscurantismo, do mesmo modo que também não o foram as intervenções lideradas pelos Estados Unidos no Afeganistão, no Iraque ou na Líbia. Conforme assinalado por várias instâncias internacionais (antes do início da guerra), como a UE e a ONU, o regime ucraniano, dominado por oligarcas, e assolado pela corrupção generalizada, pela xenofobia e perseguição às minorias, encontrava-se longe de ser um Estado de Direito. A situação piorou com a guerra.

Também não se trata de uma guerra provocada pela ambição do regime instalado no Kremlin em reconstituir a União Soviética. Não existe evidência disso no Cáucaso do Sul ou na Ásia Central. Pelo contrário, o que se tem verificado são as chamadas revoluções coloridas, que à semelhança do que aconteceu na Ucrânia em 2004 e 2014, procuraram instalar governos hostis a Moscovo (Geórgia, 2003, Quirguistão, 2005, Bielorrússia, 2020/21, e Cazaquistão, 2022). Embora sejam construções apelativas, sobretudo em matéria de Comunicação Estratégica, o seu poder explicativo é nulo e servem o propósito de camuflar as raízes profundas causadoras do conflito.

O FACTO DE SER UM CONFLITO ENTRE DOIS MEMBROS PERMANENTES DO CONSELHO DE SEGURANÇA AUMENTA A COMPLEXIDADE DO PROCESSO

A guerra na Ucrânia é uma expressão do conflito existente entre duas grandes potências. Sendo, por isso, mais bem caracterizada como uma guerra por procuração. Os Estados Unidos da América (EUA) que pretendem manter o seu poder hegemónico, que se encontra em recuo, e a Rússia, assim como a China, que desafia essa hegemonia, com o intuito de criar uma ordem mais equitativa, com menos assimetrias e uma maior distribuição do poder, onde as suas vozes, leia-se os seus interesses, possam ser mais bem defendidos e levados em consideração. Como afirmou o presidente Putin na Conferência de Segurança de Munique, em 2007, "o modelo [de uma Ordem] unipolar não só é inaceitável como impossível, no mundo de hoje" (Putin, 2007). Esta guerra serve o mesmo propósito de outras iniciativas da Administração Biden, como seja a cimeira das democracias, que visam retomar a implementação do projeto hegemónico norte-americano desafiado pela China e pela Rússia. O presente confronto entre os EUA e a Rússia na Ucrânia faz parte da estratégia de consolidação desse projeto global.

Outro entendimento das causas da guerra pode dificultar a discussão sobre os possíveis termos da paz. A solução terá de responder às causas. Por ser uma guerra por procuração, a solução terá de ter o acordo prévio dos EUA e integrar soluções para os dois conflitos, que se desenrolam simultaneamente, se sobrepõem e por vezes se confundem, isto é, o conflito que opõe Moscovo a Washington e Moscovo a Kiev. O acordo político a que se chegar tem de responder aos interesses destes três participantes.

As (algumas) reivindicações russas apresentadas a Washington e à NATO, que foram rechaçadas no início de 2022, terão de ser inscritas novamente na agenda. Referimo-nos, pelo menos, à não adesão da Ucrânia à NATO e à adoção de um estatuto de neutralidade estratégica. Kiev só alterará a sua posição quando lhe for sinalizado por Washington para o fazer. A adoção da língua russa não necessita do acordo de Washington, uma vez que é um problema interno da Ucrânia. Veremos, se em futuras conversações de paz (ou capitulação) essa exigência não se terá já tornado anacrónica.

UM DEBATE INFORMADO SOBRE O ASSUNTO REQUER O RECURSO À TEORIA DA RESOLUÇÃO DE CONFLITOS, À TEORIA DOS JOGOS, E À GEOESTRATÉGIA

MEMBROS DO CONSELHO DE SEGURANÇA

O facto de ser um conflito entre dois membros permanentes do Conselho de Segurança aumenta a complexidade do processo, começando pela tarefa espinhosa de se encontrar um mediador com alavancagem sobre as partes. Qualquer solução que contemple os interesses de Washington e de Moscovo terá de ser obtida discretamente através de negociação e não de mediação.

Isso transporta-nos para as revindicações da Rússia relativamente à Ucrânia, relegadas para segundo plano, até parece que esquecidas, expressas em quatro pontos desde o início do conflito: não adesão da Ucrânia à NATO, neutralidade estratégica do país, readoção da língua russa como língua oficial, desmilitarização

e desnazificação. De salientar que nas conversações tidas em Minsk e Ancara, nas semanas que se seguiam ao início das hostilidades, a parte russa não fez reivindicações territoriais (não significa que não as tivesse em mente), nem exigiu o cumprimento dos acordos de Minsk, que se tinham, entretanto, tornado anacrónicos. Moscovo pretendia acima de tudo a retirada das forças ucranianas da região do Donbass, que se preparavam para atacar as repúblicas separatistas. Disso dependia a retirada das forças russas que se encontravam ao redor de Kiev. A retirada de umas obrigava à retirada de outras. No final retiraram-se as forças russas, mas não se retiraram as forças ucranianas.
Para que a solução possa satisfazer Washington é importante perceber a evolução do *end state* anunciado pelos EUA para o conflito. O objetivo inicial de Washington era a derrota militar de Moscovo. Terá sido reformulado e evoluído apenas para enfraquecimento da Rússia (Bertrand, 2022), um *end state* que não favorecia a obtenção de uma solução política no curto-prazo, uma vez que isso exigia o arrastamento do conflito até Washington considerar que o objetivo tinha sido atingido.
Quando o Exército ucraniano começou a baquear, e a sua derrota a pairar no horizonte, Washington parece ter reformulado novamente o *end state* e incorporou a solução diplomática nas *speaking notes*, não se comprometendo com uma solução, deixando a tarefa para os ucranianos, nomeadamente aquilo que tem a ver com matérias territoriais. Segundo o presidente Joe Biden, num artigo publicado no *The New York Times*, "o objetivo da América é simples: queremos ver uma Ucrânia democrática, independente, soberana e próspera com os meios para dissuadir e se defender contra novas agressões... em última análise, a guerra "só terminará definitivamente por meio da diplomacia". A negociação reflete os factos no terreno" (Biden, 2022). Ora, segundo esta lógica, os EUA comprometiam-se a enviar rapidamente para a Ucrânia "uma quantidade significativa de armamento e munições para que ela [Ucrânia] possa lutar no campo de batalha e estar na posição mais forte possível à mesa das negociações" (Biden, 2022).

QUALQUER SOLUÇÃO QUE CONTEMPLE OS INTERESSES DE WASHINGTON E DE MOSCOVO TERÁ DE SER OBTIDA DISCRETAMENTE ATRAVÉS DE NEGOCIAÇÃO E NÃO DE MEDIAÇÃO

Do lado ucraniano, o discurso tem sido contraditório, tanto ao longo do tempo como entre os seus dirigentes, o que denota alguma desorientação. Nem sempre os discursos do presidente Zelensky e do ministro dos Negócios Estrangeiros Kuleba estão alinhados. Isso foi muito evidente durante as conversações que tiveram lugar primeiro em Minsk e depois em Ancara. O conflito podia ter terminado rapidamente se a Ucrânia, tivesse aceitado algumas das exigências russas atrás referidas, nomeadamente a retirada das forças do Donbass, que ameaçavam as repúblicas separatistas. Kiev corre agora o risco de ter de aceitar as exigências russas numa situação de extrema vulnerabilidade política e militar, depois da destruição do país e da morte de dezenas de milhares dos seus cidadãos, e de ficar seriamente cerceada de largas parcelas do seu território, e do acesso ao mar.
Kiev fez uma avaliação errada da correlação de forças e acreditou que seria o vencedor de um jogo de soma zero, quando tudo indica que será o perdedor.

DIMENSÃO DA PERDA

A questão agora é perceber a dimensão da perda. Ficamos sem saber se a crença de Zelensky na vitória (a exigência da retirada das forças russas de território ucraniano como condição para se sentar à mesa das negociações não é credível) é genuína. Será que apesar dos revezes no campo de batalha, os ucranianos ainda acreditam que podem derrotar militarmente os russos? A ser o caso, os ucranianos ainda não atingiram aquilo a que se chama impasse doloroso, isto é, ainda não interiorizaram que têm mais a ganhar à mesa das negociações do que no campo de batalha.
Com o distanciamento do seu patrocinador, Kiev devia pensar seriamente na situação em que se encontra e para onde caminha. Washington deixou claro que Zelensky tem de explicar aos ucranianos que há limites para a ajuda internacional. Para justificar o mau momento, Washington fez saber que afinal a culpa é de Kiev, que não deu ouvidos a Washington relativamente à invasão russa e que não lhe terá fornecido informação operacional importante, dificultando assim a ajuda. Seria importante que em Kiev, alguém tentasse utilizar a reduzida margem de manobra ainda existente para negociar com a Rússia. Caso contrário não lhe restará outra solução que não seja a capitulação e a desintegração da Ucrânia como Estado independente. Pelo andar da carruagem, esse cenário começa a configurar-se como o fim mais verosímil.

Bibliografia:

Putin, Vladimir (2007). Speech at Munich Security Conference. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hQ58Yv6kP44 [acedido em 15 de maio de 2022].
Joseph R. Biden Jr.President Biden: What America Will and Will Not Do in Ukraine. Disponível em: https://www.nytimes.com/2022/05/31/opinion/biden-ukraine-strategy.html [acedido em 5 de junho de 2022].
Bertrand, Natasha, Atwood, Kylie, Liptak, Kevin & Marquardt, Alex (2022). Austin's assertion that US wants to 'weaken' Russia underlines Biden strategy shift. Disponível em: https://edition.cnn.com/2022/04/25/politics/biden-administration-russia-strategy/index.html [acedido em 6 de junho de 2022].

* Major-general na reserva, sócio da A25A

TEORIA DOS JOGOS E A GUERRA NA UCRÂNIA

O problema é claro: como irá a guerra evoluir? Irá o Ocidente envolver-se mais? Ninguém sabe. No entanto, a versão evolucionista do jogo da galinha prevê que a estratégia de pomba possa ser mudada para falcão, mas raramente a estratégia falcão muda para pomba. Razão: a pomba farta-se de perder sempre, e o falcão jamais irá dar ar de fraco, e perder

ARMANDO J. GARCIA PIRES*

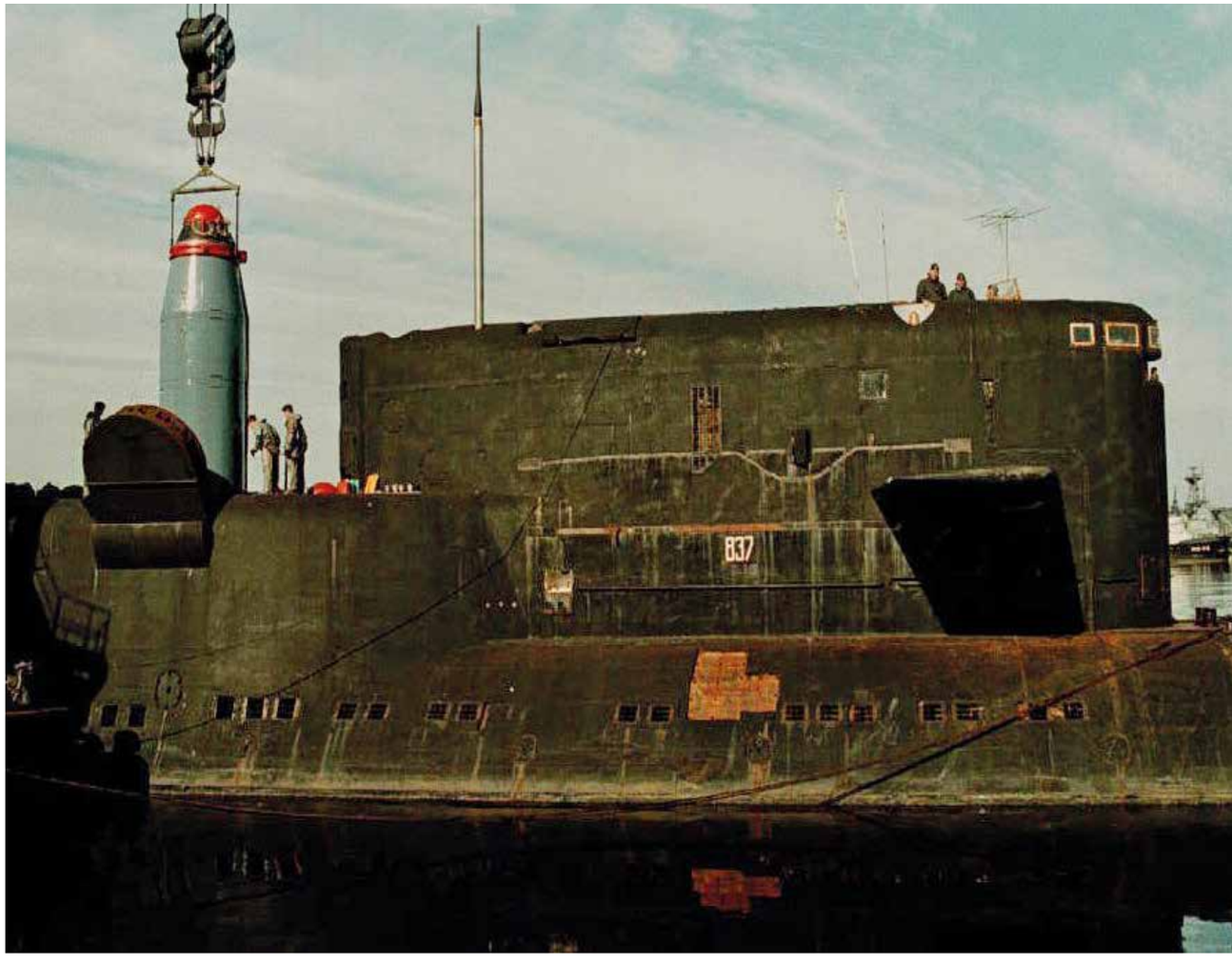
NESTE ARTIGO VAMOS analisar a guerra na Ucrânia pelas lentes da teoria dos jogos. A teoria dos jogos foi desenvolvida nos anos 30 do século passado pelos matemáticos John von Neumann e Oskar Morgenstern e, mais tarde, por John Nash (ganhou o prémio Nobel da Economia em 1994) para estudar o comportamento humano em contextos sociais. Uma hipótese desta teoria é a de que os agentes são racionais e fazem escolhas que maximizam os seus ganhos individuais. A teoria dos jogos mostra que a cooperação é uma estratégia instável, e que, habitualmente, escolhemos não cooperar (guerra é, por exemplo, uma estratégia não cooperativa) para obtermos ganhos individuais à conta dos outros. Este facto faz com que escolhas que aparentam não serem racionais, sejam na realidade as mais racionais.

Para ilustrar este último ponto considere-se o conhecido dilema do prisioneiro. Dois suspeitos de um roubo foram detidos. A polícia separa-os e propõe-lhes o seguinte acordo: se ninguém confessar, ambos são condenados a seis meses; se um deles confessar e o outro não, quem confessar sai em liberdade e quem não confessar apanha cinco anos; se os dois confessarem apanham ambos dois anos.

Segundo a teoria dos jogos a escolha racional neste jogo é os dois prisioneiros confessarem. Porquê? Para não correrem o risco de apanhar cinco anos. Poderíamos pensar que a decisão racional seria ambos não confessarem, para assim ambos apanharem apenas seis meses. Mas como se pode ter a certeza que o outro prisioneiro não confessa, mesmo que ele tenha prometido não o fazer? Esta questão é conhecida por capacidade de compromisso: cumprir com o que se promete.

CAPACIDADE DE COMPROMISSO

A capacidade de compromisso pode ser uma forma de entender a decisão da Ucrânia a se-



Apesar de ter armas nucleares ser algo louco e não racional (dado o seu potencial destruidor), a questão é que, mesmo assim, a escolha racional é ter armas nucleares. A racionalidade na questão nuclear é, como tal, um pau de dois bicos... Na foto, marinheiros russos removem um míssil nuclear RSM-40 do submarino "Murena" para procederem à sua destruição

guir à queda da União Soviética de abdicar das armas nucleares (Memorando de Budapeste de 1994). A Ucrânia procurava dar à Rússia um gesto de confiança, para assim a Rússia não se opor à formação do Estado ucraniano. A Rússia, por seu lado, retribuiu com a garantia de que nunca atacaria a Ucrânia.

Como os acontecimentos recentes nos mostram, as promessas da Rússia caíram em saco roto. Uma das razões para isto ter acontecido é que depois de a Ucrânia entregar as armas nucleares, a Rússia, na terminologia da teoria dos jogos, não tem mais capacidade de compromisso. Ou seja, a partir do momento em que a Ucrânia não tem armas nucleares, a Rússia pode atacar a Ucrânia sem temer a resposta da Ucrânia com armas nucleares.

Para ilustrar este argumento, imaginemos um duelo. Um dos oponentes diz: "É inútil corrermos o risco de ambos morrermos neste duelo. Se baixares a pistola primeiro, prometo que não disparo sobre ti." Se o outro corresponder e baixar a arma, o que impede o que não baixa a arma de disparar sobre o que baixa a arma? Apenas a palavra do primeiro. Palavras, como se sabe...

A capacidade de compromisso é também usada para justificar a posse de arsenais nucleares. Diz-se que uma forma de garantir que os oponentes não disparem sobre nós, é nós podermos disparar também sobre eles. Esta hipótese é conhecida por Destruição Mútua Assegurada, ou MAD [*Mutual Assured Destruction*]. Como sabemos MAD em inglês quer dizer louco. Apesar de ter armas nucleares ser algo louco e não racional (dado o seu potencial destruidor), a questão é que, mesmo assim, a escolha racional é ter armas nucleares. A racionalidade na questão nuclear é, como tal, um pau de dois bicos...

DESDE O COMEÇO DA GUERRA NA UCRÂNIA, A RÚSSIA JÁ LEVANTOU VÁRIAS VEZES A AMEAÇA NUCLEAR

BLUFFS E O JOGO DA GALINHA

Desde o começo da guerra na Ucrânia, a Rússia já levantou várias vezes a ameaça nuclear, tendo até mesmo flexibilizado a sua doutrina nuclear, para que o seu uso possa ser feito num maior número de casos. Esta ameaça tem várias implicações. Primeiro, faz com que esta guerra se possa tornar diferente de outras guerras, porque pode escalar para um confronto nuclear. Segundo, será esta ameaça apenas um *bluff*? E, se for um *bluff*, podemos estar mais descansados que tal ameaça não vai ser concretizada?

Comecemos pelo *bluff*. A ameaça da Rússia tem sido interpretada como uma forma de impedir que o Ocidente intervenha mais activamente na guerra da Ucrânia. Este *bluff*, no entanto, não é um *bluff* clássico. Num *bluff* clássico, tirado do poker, um jogador diz que tem uma mão de cartas, que na realidade não tem. Assim, se o oponente cair no *bluff*, fazendo este desistir de ir a jogo, o jogador que faz o *bluff* ganha uma jogada sem ter as cartas para isso. No entanto, se o oponente não cair no *bluff*, quem faz o *bluff* irá perder a jogada, pois não tem as cartas que diz ter. O caso da Rússia é diferente, pois a Rússia está a ameaçar com uma cartada que possui. O que é que a Rússia fará se for obrigada a mostrar a sua mão de cartas, i.e., se o confronto escalar para confronto com o Ocidente?

Podemos argumentar que, mesmo que isso aconteça, a Rússia não irá cair na irracionalidade (loucura, mais uma vez) de entrar num confronto nuclear com o Ocidente. Mas se o Ocidente sabe isso, i.e., que é um *bluff*, porque é que não intervém? Certamente parece dar alguma credibilidade a esta ameaça, o que é atestado pelas declarações de vários líderes ocidentais. O que nos diz a teoria dos jogos sobre este suposto *bluff* também não é, de facto, nada reconfortante. Para vermos isto apresentamos de seguida o jogo da galinha, também conhecido como o jogo do cobarde, ou do falcão-pomba.

Este jogo apelida-se galinha porque nos Estados Unidos chama-se galinha (*chicken*) aos cobardes. Neste jogo, temos dois rapazes que disputam a liderança do seu grupo de amigos. Para isso, competem num jogo que consiste em conduzir um carro em direcção um ao outro (ver o filme *Rebelde sem Causa*, que retrata este jogo). Se ninguém virar o volante, ambos morrem. O primeiro que virar o volante para evitar a colisão frontal é visto como cobarde, o que seguir em frente é o corajoso e é eleito líder.

MUITOS PENSAVAM ANTES DA INVASÃO QUE NÃO ERA RACIONAL A RÚSSIA INVADIR A UCRÂNIA

A teoria dos jogos postula que o equilíbrio deste jogo é um dos rapazes virar o volante. A questão é então qual dos dois o faz. A teoria dos jogos diz-nos que para responder a isto temos que ter em consideração o carácter de cada um dos oponentes. Daí também o nome deste jogo ser falcão-pomba, falcão para um jogador agressivo, e pomba para um jogador pacifico (a pomba como sabemos é o símbolo da paz). Neste sentido, a teoria dos jogos diz que o falcão vai vencer o jogo, uma vez que tendo um carácter mais agressivo que a pomba não vai virar o volante, enquanto a pomba, sabendo que o outro é um *bully*, irá fazê-lo.

Quem é o falcão e a pomba na guerra da Ucrânia? Pelo menos no que diz respeito à questão nuclear, a Rússia está a jogar falcão (dizendo que pode usar armas nucleares) e o Ocidente a jogar pomba (dizendo que não quer um conflito directo). Para isto não será alheio o carácter do presidente da Federação Russa, que é visto como alguém capaz de tudo para vencer, o que, como tal, dá credibilidade à ameaça. Como teorizado por Maquiavel, um homem visto como irracional tem mais poder negocial, pois é mais temido. Nixon foi um dos

que usaram esta estratégia mais conscientemente, como está exposto nos *Pentagon Papers* (curiosamente o denunciante, Daniel Ellsberg, era um perito em teoria dos jogos).
O problema é claro: Como irá a guerra evoluir? Irá o Ocidente envolver-se mais? Ninguém sabe. No entanto, a versão evolucionista do jogo da galinha (i.e., em que os jogadores interagem várias vezes) prevê que a estratégia de pomba possa ser mudada para falcão, mas raramente a estratégia falcão muda para pomba. Razão: a pomba farta-se de perder sempre, e o falcão jamais irá dar ar de fraco, e perder. Qual é o resultado quando dois falcões se enfrentam num confronto nuclear? Talvez por isto até a própria China já se tenha mostrado preocupada com a questão nuclear, apesar do apoio (mais ou menos velado) à Rússia.
Ao fazer a ameaça nuclear, a Rússia está a abrir uma caixa de Pandora. Está também implicitamente a dizer não só que é a lei da força que manda, que o direito internacional ou humanitário não tem valor, mas também que "ou ganhamos a guerra, ou então trazemos o armagedão". Uma potência nuclear já nem precisa de ter um exército competente para vencer uma guerra, basta carregar num botão. Aliás, não ter um exército competente aumenta a tentação de usar soluções extremas, como armas nucleares. O falcão afinal é que é o cobarde...

NEO-REALISMO E TEORIA DOS JOGOS COMPORTAMENTAL

Desde o começo da invasão da Ucrânia, a teoria chamada de "neo-realismo" tem sido usada para explicar as acções da Rússia. Esta teoria pressupõe que as grandes potências seguem comportamentos semelhantes, porque elas são racionais, ou seja, zelam pelos seus interesses. Tal como diz a teoria dos jogos, como uma potência não pode estar certa das intenções dos rivais, todas as potências têm incentivos para não cooperar, e exercer a força sobre os outros para garantir a sua segurança e o seu poderio. Isto explica, por exemplo, a invasão do Iraque pelos Estados Unidos, e a invasão da Ucrânia pela Rússia.

NEM TODOS OS INDIVÍDUOS ESPELHAM FUNÇÕES DE UTILIDADE APENAS EM TERMOS PURAMENTE RACIONAIS

Um facto interessante da teoria neo-realista é que é semelhante à teoria neo-liberal, uma vez que ambas dão destaque aos grandes actores, potências e grandes empresas, respectivamente. No entanto, uma lacuna de ambas é que não dão lugar ao indivíduo. Isto implica que todos os indivíduos, sejam quem forem, ajam sempre da mesma forma. No entanto, todos sabemos que somos todos diferentes em termos de habilidades, talentos, capacidades e personalidade. Por exemplo, quantas pessoas conseguiriam fazer os mesmos feitos (ou atrocidades, segundo a perspectiva) de Napoleão? Todos concordam que Napoleão era uma espécie de génio militar (embora Tolstoi discorde no seu livro *Guerra e Paz*) com ambições imperiais. Alguém consegue imaginar S. Francisco de Assis a fazer o mesmo que Napoleão?
A teoria comportamental, baseada na psicologia e na teoria dos jogos, pelo contrário, coloca o individuo no centro da sua análise e considera o comportamento dos indivíduos com base nos seus tipos. Para isso, faz uso das chamadas funções de utilidade. A função de utilidade clássica considera apenas indivíduos racionais, que maximizam apenas ganhos individuais. O neo-realismo e o neo-liberalismo, como vimos, consideram apenas este tipo de indivíduos. A teoria comportamental expande então a função de utilidade para considerar outro tipo de indivíduos, incluindo se é egoísta, se é *bully*, se é empático e por aí fora. Deste modo, a teoria comportamental consegue prever um mais variado tipo de acções que não apenas as baseadas em ganhos individuais, mas também por exemplo noutras baseadas no prestígio e aceitação pelos pares.
Muitos pensavam antes da invasão da Ucrânia que não era racional a Rússia invadir a Ucrânia. Esta é a chamada racionalidade clássica, acima referida, que defende os interesses do país, em termos de bem-estar económico e geo-estratégicos. Mas também, como foi dito, nem todos os indivíduos espelham funções de utilidade apenas em termos puramente racionais. Para outros indivíduos, como se referiu para o caso de Napoleão, também entram nas suas funções de utilidade questões como ambições imperiais ou vaidade. A grande questão, que muitos aliás colocam, é qual é a função de utilidade do presidente da Federação Russa, i.e., quais são as suas reais razões e objectivos? Opor-se à expansão da NATO, reconstruir o império soviético, ficar na história da Rússia, todas estas? Sem sabermos isto, será difícil prever a evolução deste conflito. De qualquer forma, quer com agentes racionais ou não, a mesma questão se levanta: como pôr fim a esta guerra? A teoria dos jogos indica que para isto acontecer temos que resolver os problemas de compromisso.

A CONFIANÇA ENTRE O OCIDENTE E A RÚSSIA ESTÁ TOTALMENTE QUEBRADA

COMO RESOLVER OS PROBLEMAS DE COMPROMISSO?

Segundo a teoria dos jogos, os problemas de compromisso podem ser atenuados através do desenvolvimento de laços de confiança, de acordos e de sanções.
Para vermos isto voltemos ao dilema do pri-

sioneiro. Imaginemos que os dois ladrões são como irmãos e que, por nada no mundo, se irão trair um ao outro. Neste caso, é possível que nenhum acuse o outro. Outra hipótese é os dois ladrões terem feito um acordo pré-roubo, ou terem previsto sanções, caso um confesse. No caso dos acordos para que estes sejam honrados tem que haver alguém que os faça cumprir (por exemplo, tribunais). Já no caso das punições, para que funcionem estas têm que ser credíveis e dolorosas (como sucedia com a máfia que ameaçava os familiares de quem colaborasse com a polícia).

Alguma destas soluções pode resolver o conflito na Ucrânia? Está a olhos vistos que a confiança entre o Ocidente e a Rússia está totalmente quebrada, como tal, por aqui, vai ser muito difícil encontrar uma solução. Existem, no entanto, alguns mecanismos internacionais que têm como função evitar a guerra, como o direito internacional e os acordos internacionais. No direito internacional, temos o tratado das Nações Unidas, nomeadamente o artigo 51, que diz que a guerra é ilegal, excepto no caso de auto-defesa. Temos também a Declaração Universal dos Direitos Humanos. No caso dos acordos internacionais temos por exemplo os acordos de não proliferação de armas nucleares. No contexto do exemplo acima, do duelo, o que estes últimos acordos fazem é basicamente dizer: "Vamos abdicar das armas ao mesmo tempo, em vez de um abdicar primeiro e esperar (rezar) que o outro honre fazendo o mesmo".

Ao longo dos anos, muitos destes mecanismos

NÃO NOS PODEMOS ESQUECER DE QUE A ALEMANHA JÁ "CORTOU O GÁS" (COM A AUSTERIDADE) A PORTUGAL E À GRÉCIA NO TEMPO DA TROIKA, PROVOCANDO RECESSÕES NALGUNS CASOS SUPERIORES ÀS PREVISTAS, COMO PODE ACONTECER COM O CORTE DO GÁS RUSSO

têm mostrado várias fraquezas. No que diz respeito ao direito e aos acordos internacionais, isto deve-se em parte a não haver um tribunal que tenha poder para os fazer cumprir, principalmente quando estão envolvidas as grandes potências. Daí advém muitas das dificuldades da ONU, que também se observam na Ucrânia. A ONU, apesar de poder ter um papel de mediador, não é um tribunal internacional, e depende do acordo entre as grandes potências no Conselho de Segurança para ter autoridade para fazer algo. Pelas mesmas razões, como vimos para o caso da Ucrânia ao abdicar das armas nucleares, os acordos internacionais podem ser facilmente rasgados. Mas sem acordos internacionais, que são um ponto de referência, corremos o risco de cair na anarquia nas relações internacionais. A teoria dos jogos realça, aliás, a importância de pontos de referência, que servem como guia às nossas acções para garantir a cooperação e evitar o confronto.

Clemens Bilain

Há quem diga que só fechando as torneiras do gás russo, se conseguirá ter algum impacto relevante na economia russa, mas que tal não vai acontecer porque isso implicaria grandes custos económicos para a Europa

Como os acordos internacionais e o direito internacional têm falhado na questão da Ucrânia, o Ocidente tem recorrido às sanções económicas. A questão é se as sanções aplicadas são dolorosas o suficiente para fazer a Rússia mudar o curso. Há quem diga que só fechando as torneiras do gás russo, se conseguirá ter algum impacto relevante na economia russa, mas que tal não vai acontecer porque isso implicaria grandes custos económicos para a Europa, com a Alemanha à cabeça a confirmar esta tese. Não nos podemos, no entanto, esquecer de que a Alemanha já "cortou o gás" (com a austeridade) a Portugal e à Grécia no tempo da *Troika*, provocando recessões nalguns casos superiores às previstas, como pode acontecer com o corte do gás russo.

Estamos a sair de um mundo unipolar (EUA) para um mundo multipolar (EUA-China-Rússia).

Todos os conflitos mundiais anteriores indicam que quando tal acontece, se não se resolverem as questões entre as grandes potências, corre-se um risco de guerra. Mas essa guerra será diferente das anteriores, uma guerra nuclear, e haverá, portanto, apenas vencidos. Um acordo entre as grandes potências (não só EUA e Rússia, mas também a China) é, infelizmente, uma possibilidade remota, visto que, como se disse, a confiança entre estas está quebrada. Mas de que outras soluções dispomos? E sem um acordo entre as grandes potências, como poderemos enfrentar os outros desafios do nosso tempo, como o aquecimento global, que exigem confiança e cooperação entre as principais potências?

12 de maio de 2022

* Professor na Norwegian School of Economics (NHH) em Bergen, sócio da A25A.

José Coelho

A PRIMAVERA DO DESASSOSSEGO

Neste final da Primavera, ao tentar discernir os sinais dos tempos, tudo parece indicar que pouco uso se tem feito da inteligência e, consequentemente, somos conduzidos à prevalência da mãe-natureza sobre a cultura. Para a mãe-natureza só conta o que é útil do ponto de vista da sobrevivência. E desse ponto de vista, a estupidez fornece melhores garantias que a inteligência, pois será ela a vencedora no quadro da luta pela vida", ou seja, estamos perante a também designada "lei da selva"

LUÍS AUGUSTO SEQUEIRA*

AS RECENTES DESCOBERTAS sobre o mapa genético do homem evidenciam como é pequena a distância que o separa dos outros seres vivos, podendo mesmo afirmar-se que um quase nada nos distingue das moscas e das formigas. Curiosa e paradoxalmente, essa aproximação, além de física, é também comportamental. Os especialistas têm concluído que as sociedades humanas revelam um comportamento social muito semelhante aos insetos.

Para o professor Lewis Thomas, investigador destes fenómenos na Escola de Medicina de Harvard, é impressionante a semelhança das formigas com os seres humanos: "Pastoreiam fungos como se fossem ovelhas, lançam exércitos contra os inimigos e até usam armas químicas contra eles. Quando vencedoras, reduzem os adversários à escravatura, fiam, tecem e trocam entre si, incessantemente, informação muito rica e variada."

Considera aquele cientista que as formigas fazem praticamente o mesmo que os seres humanos, exceto assistir a emissões de televisão... Esta reflexão obriga a reequacionar o papel da inteligência humana e a sua aplicabilidade aos comportamentos sociais, por vezes orientados mais pelo instinto do que pela racionalidade.

Pino Aprile, no seu livro *Elogio do Imbecil*, questiona a sobrevivência da inteligência humana, uma vez que ela é sistematicamente absorvida pela funcionalidade dos sistemas, pelo "exército de insetos" enquanto ser coletivo ao serviço de uma vontade providencial. Assim, a seleção natural e cultural na espécie humana parece privilegiar o pior, desde que este revele ser o mais útil.

Este autor considera que a inteligência foi sempre o salto distintivo do ser humano, salvou-o da extinção e permitiu-lhe dominar o mundo. No entanto, interroga-se se a inteligência humana terá esgotado a sua função, uma vez que os homens superiores em inteligência e mérito são sistematicamente anulados pelo seu semelhante através de uma seleção alimentada por sentimentos perversos de inveja, orgulho ou agressividade.

ESTA REFLEXÃO OBRIGA A REEQUACIONAR O PAPEL DA INTELIGÊNCIA HUMANA E A SUA APLICABILIDADE AOS COMPORTAMENTOS SOCIAIS, POR VEZES ORIENTADOS MAIS PELO INSTINTO DO QUE PELA RACIONALIDADE

Quando um génio põe as suas capacidades ao serviço da sociedade, os outros membros limitam-se a imitá-lo, a copiar servilmente as suas intuições, não exercitando as capacidades mentais próprias. "Pensar é difícil e dá muito trabalho", lembrava Fernando Pessoa.

Esta negação do pensamento provoca, necessariamente, o definhamento da inteligência humana dando lugar à uniformização e mediania. Por isso, Pino Aprile adverte: "Se as diferenças que nos separam dos outros animais são sobretudo culturais, isso significa que nos distinguimos deles não tanto pelo sangue, mas pelo uso que fazemos da inteligência.

Neste final da Primavera, ao tentar discernir os sinais dos tempos, tudo parece indicar que pouco uso se tem feito da inteligência e, consequentemente, somos conduzidos à preva-

SERIGRAFIA DE JOSÉ GUIMARÃES

Técnica: Serigrafia s/ papel Fabriano Tiepolo
Data: 2019
Dimensão: 90 x 70 cm
Mancha: 76x57,5 cm
Tiragem: 199 exemplares
Editor: Associação 25 de Abril
Impressor: Atelier Centro Português Serigrafia, Lisboa

Por especial deferência do autor desta obra, foi possível estabelecer condições muito especiais para os Associados da A25A, sendo a relação de preços a seguinte:
> Valor de venda ao público: 1.200,00€
> Valor para Sócios da A25A: 900,00€

Nota: Para cada exemplar da serigrafia, será oferecida uma pasta para transporte/guarda

lência da mãe-natureza sobre a cultura. Para a mãe-natureza só conta o que é útil do ponto de vista da sobrevivência. E desse ponto de vista, a estupidez fornece melhores garantias que a inteligência, pois será ela a vencedora no quadro da luta pela vida", ou seja, estamos perante a também designada "lei da selva".

PILARES DO TEMPLO

Nicholas Carr, no seu último livro "Os Superficiais - o que a internet está a fazer aos nossos cérebros", alerta para o preço que estamos a pagar para assumir o poder da tecnologia, custo esse demasiado elevado para as nossas faculdades intelectuais, particularmente pelo entorpecimento da razão, perceção, memória e emoção. Considera ainda que o relógio mecânico, por muitas bênçãos que nos tenha concedido, afasta-nos do fluxo natural do tempo.

Aliás, da profecia negra de Stanley Kubrick no mundo de "2001, Odisseia no Espaço" transparece que, "ao passarmos a depender de computadores para mediar o nosso entendimento do mundo, é a nossa própria inteligência que se aplana e se transforma em inteligência artificial".

Embora conscientes desta envolvente externa, cujo traçado psicológico se configura nos formigueiros e nos enxames, com nítida inversão de valores e prioridades, consideramos que é nos momentos de crise que haverá lugar a maior firmeza das convicções e a uma acrescida solidez dos designados "pilares do templo", sustentáculo de uma cultura baseada nos valores da liberdade, da justiça social e da dignidade humana.

ESTA NEGAÇÃO DO PENSAMENTO PROVOCA, NECESSARIAMENTE, O DEFINHAMENTO DA INTELIGÊNCIA HUMANA DANDO LUGAR À UNIFORMIZAÇÃO E MEDIANIA

Num quadro macroeconómico imprevisível, em que as desigualdades se agravaram de forma abissal, o número de refugiados subiu a 100 milhões e a fome atinge números escandalosos, é tempo de mobilizar consciências, assumir a responsabilidade social e concretizar os múltiplos desafios que esta terceira década do novo milénio nos proporciona. É tempo de pôr em prática os múltiplos estudos, diagnósticos, recomendações, estratégias que têm sido apresentados.

Numa expressão simples, é tempo de fazer!

Citando Almada Negreiros:

"Quando eu nasci, as frases para salvar a humanidade já estavam todas escritas,
Só faltava uma coisa – salvar a humanidade!"

Lisboa, 8 de Junho de 2022

* Major-general na reforma, sócio fundador da A25A

O ESPAÇO PÚBLICO DA EDUCAÇÃO: UM NOVO CONTRATO SOCIAL?

Direitos reservados

Durante a pandemia, a força da realidade obrigou ao fecho das escolas e as aprendizagens só continuaram (quando continuaram!) graças à colaboração entre os professores e as famílias, com recurso ao digital

Nada será conseguido se as mudanças não forem, simultaneamente, internas e externas às escolas, nomeadamente no que diz respeito aos tempos e aos ritmos da vida das famílias e do trabalho, bem como à organização das cidades

ANTÓNIO NÓVOA*

"Não consigo imaginar qualquer propósito coerente para a educação se alguma coisa comum não acontecer num espaço público" (Maxine Greene, 1982: 8).

A FRASE DE MAXINE GREENE, escrita em diálogo com o pensamento de Hannah Arendt, tem inspirado grande parte das minhas reflexões sobre educação nas últimas décadas. Para mim, o "público" é um espaço aberto e participado, de encontro entre seres humanos que, a partir da sua diversidade, trabalham para um "mundo comum". A ideia de partilha e de cidadania são centrais para definir este "espaço público" que afasta a educação de tendências de fechamento em "esferas privadas" (familiares, comunitárias, identitárias, sociais ou religiosas).

Em 2001, organizei uma conferência internacional a convite da Fundação Calouste Gulbenkian, na qual esta preocupação já estava presente. O texto que então publiquei, *O espaço público da educação: imagens, narrativas e dilemas*, citava, logo no início, palavras do filósofo francês Alain: "A escola não deve estar ao serviço do Estado, nem das famílias". A citação destinava-se a chamar a atenção para um espaço público muito mais amplo do que as fronteiras estatais ou familiares, marcado por uma pluralidade de presenças e de formas de participação e de deliberação.

No decurso dos anos, fui procurando apreender este espaço público também a partir do conceito de *comum*, isto é, de uma educação que se faz em *comum*, no encontro entre pessoas muito diferentes e com uma ampla participação, dentro e fora das escolas. O *comum* remete para as dinâmicas de trabalho e de aprendizagem, "aquilo que se faz em comum", mas também para as responsabilidades sobre a "coisa educativa", para a educação como um bem comum, e mesmo como um bem comum global (UNESCO, 2015).

Algumas destas linhas de reflexão estão presentes no último relatório da UNESCO, de 2021, intitulado *Reimagining our futures together: A new social contract for education*. A Comissão internacional encarregada da sua redacção junta várias vezes os conceitos de público e de comum para delinear um novo contrato social da educação.

CONTRATO SOCIAL DA MODERNIDADE ESCOLAR (SÉCULOS XIX E XX)

Em meados do século XIX, estabelece-se um contrato social da educação, não no sentido jurídico, obviamente, mas na acepção de acordo ou consenso social, que cria as condições para a emergência e consolidação dos *sistemas de ensino* e das escolas, tal como os conhecemos.

Os grandes sistemas de ensino nascem nesta época, quando surgem também os Ministérios da Instrução, ancorados em leis que impõem a escolaridade obrigatória. O processo de "escolarização de massa" (*mass schooling*) não é fácil, pois implica retirar as crianças das famílias e do trabalho num mundo ainda predominantemente rural. A sua concretização só foi possível graças a um contrato social que tem como base o desejo de alargar a educação a todas as crianças.

As *escolas* organizam-se de acordo com um modelo relativamente uniforme, apresentado como grande novidade nas exposições universais do final do século XIX: um edifício escolar próprio, construído através da junção de salas de aula, dispostas a partir da centralidade do quadro negro, com os alunos sentados em carteiras, arrumadas por filas, etc.

A forma como se constituem estas duas realidades – sistemas de ensino e escolas – define uma matriz difundida mundialmente nos últimos 150 anos. Se pensarmos em Portugal, podemos dizer que o "longo século escolar" se inicia, simbolicamente, em 1870, com a criação do Ministério da Instrução Pública, e termina em 2020 com a crise pandémica. O contrato social da modernidade escolar estabelece a educação obrigatória no interior de uma instituição especializada e confere aos professores, doravante formados em escolas normais, a responsabilidade principal pelas tarefas de ensino.

O RITMO ESCOLAR ACABA POR INFLUENCIAR, PROFUNDAMENTE, O RITMO SOCIAL, NOMEADAMENTE NA ORGANIZAÇÃO DAS FAMÍLIAS E NOS HORÁRIOS DO TRABALHO

A referência aos sistemas de ensino permite compreender a dimensão política, isto é, o papel que desempenham na homogeneização cultural e na formação de uma identidade nacional. A referência às escolas permite compreender a dimensão organizacional, isto é, o modo como este processo acontece através de um determinado modelo escolar, que se impõe como "o único melhor sistema" (Tyack, 1974).

A responsabilidade pela concretização deste contrato social é assumida, sobretudo, pelo Estado, nomeadamente através do recrutamento e da formação de professores que passam a estar sob a sua tutela, afastando-se das esferas de influência familiares, locais ou religiosas.

Esta "separação" é fundamental para o desenvolvimento da escola e para o seu sucesso, acima de tudo na luta contra o trabalho infantil.

Uma vez que tem lugar num espaço e num tempo à parte, a escola permite a realização de actividades e processos de educação diferentes do resto da sociedade.

Ao mesmo tempo, o ritmo escolar acaba por influenciar, profundamente, o ritmo social, nomeadamente na organização das famílias e nos horários do trabalho. Veja-se a forma como o quotidiano fica perturbado quando uma escola fecha por algumas horas ou dias.

Mas este mundo escolar, apesar do seu notório sucesso, não deixa de ser objecto de críticas. Recordemos, apenas, uma das mais radicais, escrita por Ivan Illich na sua obra Deschooling society, publicada em 1970. A escola é apresentada como um obstáculo à educação universal, sugerindo-se, como alternativa, a construção de uma "teia educacional" que possibilite a cada um transformar todos os instantes da vida em aprendizagem, participação e cuidado.

A "desescolarização" significa, para este autor, um novo entendimento da educação como direito e dever de toda a sociedade, e não apenas como tarefa dos "sistemas de ensino" e das "escolas". É também nesta perspectiva que incluo a minha defesa de um espaço público da educação, baseado num novo compromisso social, numa nova forma de entender as responsabilidades mútuas sobre a educação.

A concretização deste desígnio não depende apenas das escolas e da sua transformação e abertura, implica modos diferentes de organização das famílias e da vida social, do tempo e dos ritmos do trabalho. Talvez a pandemia, no meio do caos, tenha aberto possibilidades para imaginar a organização do dia-a-dia, sobretudo nos horários das famílias e nos espaços de trabalho, também em casa.

Porém, um ponto me afasta de Ivan Illich. Para ele, trata-se de construir uma "sociedade sem escolas", valorizando todas as oportunidades educativas existentes na sociedade. Para mim, trata-se de valorizar todas essas oportunidades, incluindo as escolas, que são uma instituição única e insubstituível para a educação *pública* de todas as crianças.

UM NOVO CONTRATO SOCIAL?

Durante a pandemia, a força da realidade obrigou ao fecho das escolas e as aprendizagens só continuaram (quando continuaram!) graças à colaboração entre os professores e as famílias, com recurso ao digital. Concretizou-se o prenúncio de Ivan Illich? Em parte, sim, mas de maneira muito imperfeita. E, no entanto, é a partir desta experimentação caótica que temos de inventar de novo a escola.

Recuso todas as utopias, ilusões ou fantasias que alimentam a ideia da "morte da escola", substituída por dinâmicas "privadas" de aprendizagem, isto é, com as crianças retiradas dos lugares públicos do encontro e da relação, e por tecnologias digitais estimuladas pela inteligência artificial. Mas sei que a escola tem de se transformar para estar à altura dos desafios presentes e futuros.

Registem-se, brevemente, algumas mudanças profundas que obrigam a pensar de outro modo a educação.

Luís Forra, Lusa

Recuso todas as utopias, ilusões ou fantasias que alimentam a ideia da "morte da escola", substituída por dinâmicas "privadas" de aprendizagem, isto é, com as crianças retiradas dos lugares públicos do encontro e da relação, e por tecnologias digitais estimuladas pela inteligência artificial

O contrato social da modernidade escolar foi celebrado...

... num tempo em que a esperança média de vida não ultrapassava os 40 anos e tudo se definia numa relação entre duas gerações. E agora? Segundo os cientistas, esta esperança vai subir, rapidamente, acima dos 100 anos, com várias gerações a habitarem simultaneamente um mesmo espaço-tempo, e a contribuírem para uma educação que se faz ao longo de todo o ciclo da vida.

... quando se sabia pouco sobre o Planeta, e não se conheciam ainda os efeitos do aquecimento global e das alterações climáticas. E agora? A consciência dos perigos está muito presente e a sustentabilidade transformou-se na urgência maior do nosso tempo, alterando profundamente a educação.

... numa altura em que surgiam as primeiras máquinas de escrever e ninguém sonhava com os desenvolvimentos da computação, do digital e, menos ainda, da inteligência artificial. E agora? Com as bibliotecas do mundo ao nosso alcance, instantaneamente, na palma da nossa mão e com a inteligência artificial a "entrar" no nosso cérebro, é evidente que nada será como dantes na educação.

... no período histórico da industrialização, num mundo em grande parte ainda rural, com a permanência das pessoas no mesmo trabalho durante toda a vida. E agora? Como pensar as mudanças constantes nas actividades profissionais, com a automatização a conduzir largas camadas da população a uma existência sem trabalho, com tudo o que isso implica do ponto de vista pessoal, social e económico, e as suas consequências numa concepção totalmente diferente da relação escola-trabalho?

... em sociedades relativamente homogéneas do ponto de vista social e cultural, sem grandes migrações e mobilidades. E agora? Os processos migratórios e as diferentes dinâmicas de mobilidade, pelas mais variadas razões, colocam-nos perante sociedades cruzadas, com uma pluralidade de línguas, de culturas e de maneiras de viver, alterando os contextos e as situações educativas.

Poderíamos facilmente recorrer ao prefixo *inter* – para caracterizar estas mudanças que anunciam uma educação intergeracional, interdependente e intercultural. Por isso, no último relatório da UNESCO (2021), se dá tanta importância ao conceito de juntos. Este "juntos" tem uma tradução pedagógica, interna à realidade escolar, mas tem também uma dimensão externa, na construção do que designo por espaço público da educação.

Não se trata, apenas, de pensar as mudanças no interior das escolas, por muito fundamentais que sejam, sobretudo na criação de novos ambientes educativos. Também não se trata, apenas, de repensar a relação escola-sociedade ou de defender uma maior abertura das escolas às famílias e à sociedade. Trata-se de compreender a necessidade de consolidar uma rede de compromissos e de responsabilidades para realizar a educação numa diversidade de tempos e lugares. Este "espaço público" não se resume a organizar, de modo diferente, as actividades escolares; tem de corresponder, sobretudo, à inscrição de novas modalidades de participação, de cidadania e de deliberação no domínio da educação.

TEMPOS E RITMOS

Nada será conseguido se as mudanças não forem, simultaneamente, internas e externas às escolas, nomeadamente no que diz respeito aos tempos e aos ritmos da vida das famílias e do trabalho, bem como à organização das cidades (habitação, transportes, cultura...). Esta afirmação seria facilmente apelidada de fantasista antes da pandemia. E depois? Por que razão o que foi possível (com tantas imperfeições) durante a pandemia não seria agora possível para responder (com inteligência e futuro) à necessidade de abrir um novo ciclo na história da escola e da educação? Eis o sentido último de um novo contrato social da educação.

Vivemos num tempo de encruzilhadas. Para muitos, o futuro da educação passa, primordialmente, por espaços domésticos, protegidos, familiares ou comunitários, em ambientes relativamente homogéneos do ponto de vista cultural e social, com o recurso a dispositivos digitais para promover uma individualização das aprendizagens. Para outros, o futuro passa por uma valorização do encontro e da relação entre professores e alunos, reunindo em espaços públicos, abertos, pessoas de todas as origens para se educarem mutuamente e, assim, aprenderem a viver em comum. Este é o meu caminho – o reforço de um espaço público da educação no âmbito de um novo contrato social.

* Professor e Reitor Honorário
da Universidade de Lisboa

Mário Cruz, Lusa

INFORMAÇÃO SEM CULTURA

Haver muita informação não significa só por si haver muito conhecimento, melhor conhecimento; significa por vezes o contrário: não pensar, não criticar, não desalinhar, não actuar. Desgraçadamente, a arrogância da actual informação está a matar a genuinidade da cultura

FERNANDO DACOSTA*

UM DOS GRANDES PENSADORES portugueses do século XX, Padre Manuel Antunes, provocava-nos dizendo "não haver nada mais tradicional do que as revoluções nem nada mais revolucionário do que a tradição".

Isso porque o ser humano é, por natureza, insatisfeito, contraditório, violento, generoso, egoísta, idealista – e outras coisas como se sabe.

Daí as revoluções acabarem quase sempre em ditaduras, sobretudo quando os seus líderes amam mais as ideias do que as pessoas. Sucedeu na França, na Rússia, na China, em Cuba, em Angola, Moçambique, Venezuela, etc.

Em Portugal, na última, não, devido à qualidade dos militares que fizeram o 25 de Abril e o 25 de Novembro, simbolizados por António Ramalho Eanes que, Presidente da República, extinguiu o Conselho da Revolução e, com os seus companheiros, devolveu o país à sociedade civil abrindo perspectivas democráticas, éticas, culturais incomuns - muitas traídas, porém.

A democracia, a ética, a cultura servem para mostrar aos outros e a nós próprios que podemos ser melhores do que julgamos ser, ou seja, para evoluirmos.

Por isso os poderes tentam manipulá-las utilizando-as ou como propaganda dos seus sistemas, ou como mercadoria dos seus balcões. Foi nisso em que elas se transformaram.

As ditaduras férreas controlam pelo silêncio e pela repressão, as democracias flácidas pelo chinfrim e pela sedução.

Entregues aos mercados, com aquiescências gerais, elas foram subalternizadas passando a ser aferidas por *tops*, audiências, *best-sellers*, gostos, tiragens, sondagens, passando a ser preteridas por leituras *light*, telenovelas envolventes, concursos açucarados, roupas abrasivas, gastronomias vistosas, músicas desossadas – vejam-se os actuais conteúdos televisivos e jornalísticos.

Haver muita informação não significa só por si haver muito conhecimento, melhor conhecimento; significa por vezes o contrário: não pensar, não criticar, não desalinhar, não actuar. Desgraçadamente, a arrogância da actual informação está a matar a genuinidade da cultura.

Psiquiatras previnem que não somos feitos para levar com tanta programação, tanta alienação; previnem, igualmente, ser necessário, para nosso equilíbrio, voltarmos a escrever à mão, a lermos sem pressa, a falarmos pessoalmente uns com os outros.

Conceber a cultura como utilidade tornou a utilidade cultura. Produzir, consumir alienam as

MAGALHAES
500 ANOS DA CIRCUM-NAVEGAÇÃO

MOEDAS COMEMORATIVAS 2022

V CENTENÁRIO DA VIAGEM DE CIRCUM-NAVEGAÇÃO DE FERNÃO DE MAGALHÃES

AUTOR
LUÍS FILIPE ABREU

LISBOA R. Escola Politécnica, 137 • R. D. Filipa de Vilhena, 12 e 12-A • Biblioteca Nacional - Campo Grande, 83
COIMBRA Rua Visconde da Luz 94, 96 e 98
PORTO R. Cândido dos Reis, 97
WWW.INCM.PT moeda.apoiocliente@incm.pt

CASA DA MOEDA
INCM

faculdades da criação, da intervenção. São Bernardo pregava que o excesso de trabalho e de obediência endurece os corações.

Carlos Veiga Pereira, um dos nossos jornalistas mais cultos e irónicos, desconcertava dizendo que "a Censura não acabou no 25 de Abril, foi privatizada, isto é, deixou de ser exercida por organismos estatizados para ser exercida, com outros nomes, por grupos particulares"; deixou de ser censura dura para ser manipulação enfeudada.

As precariedades, as prateleiras, os recibos verdes, os garrotes administrativos, os interesses partidários, as concentrações dos órgãos de comunicação devastaram gravemente os sectores em causa.

Tão censurante é impedir de dizer como obrigar a dizer, estratégia aberta à falsa informação, às *fake news* que nos submergem por todos os lados.

A cultura, a ética, a democracia, lembrava Agostinho da Silva, "começam no comer decente, no habitar seguro, no vestir confortável, no pensar livre".

Ora os alicerces do pensar livre assentam na escrita, no livro, no convívio, na memória, na imaginação, daí a subalternidade para que esses alicerces têm sido remetidos.

A escrita, última trincheira da liberdade individual, está a ser, propositadamente, depreciada, menorizada. Todos repetem, por exemplo, que uma imagem vale mil palavras, omitindo que o contrário é igualmente verdadeiro: quantas mil imagens são precisas para exprimir uma palavra como saudade?

Fernando Pessoa lembrava que o primeiro afloramento civilizacional a projectar externamente o nosso País foi de natureza literária, as canções de raiz popular e as crónicas de cavalaria. Não foram feitos militares, religiosos, esclavagistas, comerciais, coloniais. Esses surgiriam depois.

O economicismo tem sido devastador, como a desterritorialização criativa (quem não pertence a um lugar não pertence ao mundo), a sobranceria lobística, a corrupção legalizada, o desnivelamento social, o esbulho fiscal.

"Tenho perdido o melhor do meu tempo", exclamava Natália Correia, "com seres que execram o que os liberta e exaltam o que os enche de imundície. Portugal é um país de castrados pelo terrorismo verbal. Não presto para essas revoluções!"

Numa viagem pelo interior da Rússia, Nicolau II fez-se acompanhar por Tolstoi. Homem caprichoso, nervoso, o czar, a certa altura, esbofeteou um escravo. Então este, virando-se para Tolstoi, afirmou: esta bofetada também foi dada a ti.

Denunciar as bofetadas que são dadas aos indefesos é uma das funções da cultura, da ética, da democracia.

Se elas falham, as pessoas passam a viver bem no mal e mal no bem. Evitá-lo, foi uma das utopias do 25 de Abril.

* Escritor e jornalista

OLHARES DIPLOMÁTICOS SOBRE A REVOLUÇÃO EM PORTUGAL

Museu Vicentes, Lusa

Sobre o Dia do Trabalhador, o embaixador suíço escreveu uma única frase: "A prova que o 1.º de Maio constituía para o MFA correu felizmente sem qualquer incidente relevante". Na foto, manifestação do 1.º de Maio de 1974 na Praça do Município na cidade do Funchal, Ilha da Madeira

Os relatórios da embaixada da Suíça, em Lisboa (1974-1975)

RETO MONICO*

I. O FIM DO REGIME DE CAETANO E A REVOLUÇÃO (FEVEREIRO-MAIO DE 1974)

a) A agonia do salazarismo

Antes da Revolução, Jean-Louis Pahud[1] envia seis relatórios políticos a Berna. Os três principais temas tratados pelo diplomata são a pressão dos meios ultraconservadores, o debate interno sobre as províncias ultramarinas, nomeadamente com a publicação de *Portugal e o Futuro*, e, em menor medida, a força do movimento dos Capitães.

Jean-Louis Pahud destaca a popularidade do general [*Spínola*] e a sua ideia central: "a paz só pode ser obtida através de uma solução política"[2]. No entanto, acrescenta o embaixador, este livro provoca grandes dificuldades ao presidente do Conselho. Interroga-se então porque passou o obstáculo da censura. Há só duas hipóteses: ou Caetano não conhecia o ponto de vista do autor, ou, no fundo, estaria de acordo com o general e "teria deixado publicar o livro para avaliar as reações da opinião pública".

Volta a falar deste tema no relatório de 22 de março para precisar que, contrariamente ao que escreve a imprensa internacional, não se trata de "uma obra de caráter político". Spínola não é "um subversivo pronto a tomar o poder". No fundo, a ideia do antigo governador da Guiné não difere "fundamentalmente da do Chefe do Governo". Porém, a 29 de março, o diplomata helvético admite que: "[...] O livro de Spínola — aliás muito mal escrito e por isso com ideias confusas e imprecisas — provocou um processo de reações em cadeia, das quais é difícil prever a orientação".

Quanto à ação dos ultraconservadores, o embaixador menciona o falhanço da tentativa de golpe contra Caetano em dezembro, a atribuição de ministérios importantes para eles e a destituição de Spínola, de Costa Gomes, do diretor da Academia Militar e de um secretário de Estado. Para Pahud, esta vitória "dos meios conservadores não é nem segura, nem definitiva", considerando a "popularidade de Spínola entre os quadros intermédios da tropa".

A 22 de março, Jean-Louis Pahud noticia a tentativa falhada de 15 e 16 nas Caldas de Rainha, "que muito surpreendeu e impressionou a opinião pública." Para ele, este acontecimento tem duas consequências: por um lado, "os grupos de direita" não vão tentar depor Caetano,

"Motins em Portugal: depurações na tropa" (*Tribune-Le Matin*, 18 de março). Vários quotidianos publicaram esta fotografia da coluna dos militares rebeldes, obrigados a regressar a Caldas da Rainha.

1 Jean-Louis Pahud (1909-1993) é embaixador em Lisboa de outubro de 1970 a janeiro de 1975.
2 "Remous politiques» [Agitação política], RP nº 1, 7 de março de 1974.

porque perceberam que já não têm "um apoio incondicional da tropa"; por outro lado, os opositores ao regime terão mais força e coragem "para se manifestarem".
No relatório de 15 de março menciona pela primeira vez os capitães que se manifestam "desde dezembro com revindicações relacionadas com o soldo, com os regulamentos e até mesmo com a conduta das operações militares em África." Depois da saída em falso, Pahud admite ignorar os motivos destes militares, mas não os considera como "subversivos".
O diplomata volta a debruçar-se sobre a luta entre os "ultras" e o governo a 29 de março, mas para acrescentar que este conflito fica condicionado pelas informações que ambos têm "sobre o estado de espírito dos Capitães e sobre a verdadeira força do seu movimento". Este comentário do embaixador ilustra o clima incerto que se vivia na capital portuguesa, poucas semanas antes do golpe dos capitães: "Tem este movimento várias ramificações nos três ramos das forças armadas ou fica limitado a algumas cabeças quentes? Seria demasiado aleatório fazer um prognóstico nesta atmosfera de reserva e de prudência que domina tanto nos meios oficiais como no cidadão português quando se trata da política interna, com uma censura rigorosa que cobre os meios de informação locais.
Nesta atmosfera, os rumores abundam e alimentam as crónicas dos jornalistas estrangeiros de passagem."

OS RUMORES ABUNDAM E ALIMENTAM AS CRÓNICAS DOS JORNALISTAS ESTRANGEIROS DE PASSAGEM

b) O Golpe de Estado
Três dias depois da queda do antigo regime, o embaixador suíço envia um relatório de quatro páginas ao Conselheiro Federal Pierre Graber[3].
"O sucesso fulminante deste golpe de Estado militar", realça Jean-Louis Pahud, é devido a três factores.
Por um lado, o regime foi totalmente surpreendido pelos acontecimentos, apesar de dispor duma "temível polícia política, bem organizada e infiltrada em todo o lado", da tentativa falhada de 16 de março e dos manifestos do MFA que "circulavam clandestinamente". Por outro lado, o diplomata sublinha o "segredo absoluto" da preparação do golpe e "a precisão da sua execução": tratou-se de "uma obra prima de oficiais de Estado-Maior Geral". Finalmente, indica que a vontade dos dois lados de evitar derramamento de sangue teve um papel importante. Com efeito, afirma o diplomata helvético, o Governo, apesar de sua posição enfraquecida, "dispunha ainda de forças suficientes (Guarda Nacional, Polícia de Segurança [Pública]), para entrar em combate com probabilidade de ganhar".
Sobre o papel tido pelo antigo governador da Guiné, o embaixador suíço não tem dúvidas: não teve qualquer papel, nem na preparação, nem na execução do golpe, mas tê-lo-á no futuro próximo. Pahud faz uma comparação com os acontecimentos no Egito em 1953: "A forma como o General Spínola interveio como *Deus Ex Machina* dar-lhe-á muito provavelmente um papel nos próximos desenvolvimentos da situação. Parece-me impor-se uma comparação: Spínola é o Neguib que os oficiais de baixa hierarquia e sem renome puseram à sua cabeça como um glorioso estandarte. Ainda não posso dizer quem é o Nasser, mas há um ou haverá muito presumivelmente um."
Na segunda parte do documento, intitulado "Desenvolvimento a curto prazo", indica as próximas etapas (nomeação de um Presidente e formação de um governo provisório) e, sobretudo, destaca as dificuldades que a Junta de Salvação Nacional (JSN) terá de afrontar.
O diplomata fala de possíveis confrontações devidas ao facto que se abriram completamente "as comportas", depois de 48 anos de ditadura: a "torrente que saiu é violenta". E cita, para justificar este seu temor, as vitrinas dos bancos que foram quase todas partidas. Neste parágrafo, Pahud — que fala de muros e estátuas "esborratados de slogans na noite de 26 de abril" — faz uma ligação de causa efeito muito redutora e simplista, entre a libertação de "todos os prisioneiros políticos" e estes atos de vandalismo. Outra dificuldade, no seu entender, é a "inflação galopante", que vai criar problemas às novas autoridades.

SOBRE O PAPEL TIDO PELO ANTIGO GOVERNADOR DA GUINÉ, O EMBAIXADOR SUÍÇO NÃO TEM DÚVIDAS: NÃO TEVE QUALQUER PAPEL

Por conseguinte, pensa que o MFA "arrisca-se a ver o seu golpe de Estado transformar-se numa revolução de rua", sem polícia política e com relativamente poucos soldados na metrópole para manter a ordem. Jean-Louis Pahud apresenta um cenário catastrófico: "Dessa forma, a curto prazo, é preciso esperar pela prova do 1º de Maio para julgar a solidez e o poder da Junta. É provável que se encontre perante o seguinte dilema: ou ceder perante o tumulto, com a consequente perda de autoridade e de prestígio, ou utilizar as armas para manter a ordem, com as consequências psicológicas que podemos imaginar, se houver muitas vítimas na população."
Podemos concordar com as palavras do embaixador quando, no fim do texto, faz a seguinte observação: "Talvez esta seja uma apreciação demasiado pessimista da situação!"

3 "Le coup l'État du 25 avril et ses développements prévisibles à court terme» [O golpe de Estado do 25 de Abril e os seus previsíveis desenvolvimentos a curto prazo], RP nº 7, 28 de abril de 1974.

No 96 Fondé en 1782 50 CENTIMES * * * * DERNIERE Vendredi 26 avril 1974

48 ANS DE SALAZARISME BALAYÉS EN 13 HEURES

FEUILLE D'AVIS DE LAUSANNE

24 heures

LE GRAND QUOTIDIEN SUISSE

Le «Mouvement des forces armées» du général Spinola renverse Caetano

Quarante-huit ans de salazarisme ont été balayés en treize heures. Tel peut être le bilan liquidaire du coup d'Etat lancé à partir d'hier matin à cinq heures par le «Mouvement des forces armées» contre le gouvernement de Marcelo Caetano. Celui-ci était en effet arrêté à six heures à la caserne de la Garde républicaine où il dut se rendre sans condition au général Spinola, inspirateur du coup d'Etat et membre de la junte de sept personnes auquel le «Mouvement» a remis le pouvoir.

Une proclamation publiée en fin de matinée précise que cette junte devra respecter le programme du «Mouvement» et assurer la transition du pouvoir jusqu'aux élections libres prévues par les insurgés.

"48 anos de salazarismo varridos em 13 horas" (24 Heures, 26 de abril). Na sexta-feira, 26 de abril, o fim do salazarismo fez manchete em quase todos os jornais helvéticos.

c) Maio de 1974

Os temas comentados nos relatórios deste mês são essencialmente três: a eleição do Presidente da República, o problema colonial e a formação do I Governo Provisório. Sobre o Dia do Trabalhador, Pahud escreve uma única frase: "A prova que o 1º de Maio constituía para o MFA correu felizmente sem qualquer incidente relevante".

A 2, admite que Spínola será nomeado para o cargo supremo e volta a dizer que este não é o "manda-chuva da Junta", mas que "o MFA precisa" da sua popularidade e do seu prestígio. A cerimónia de tomada de posse do presidente é mais uma prova de que o poder está nas mãos "do grupo restrito de jovens oficiais – cerca de trinta – que conceberam e organizaram o MFA", sublinha o diplomata a 17. Com efeito, "o protocolo tinha-os colocados antes das altas personagens" como, por exemplo, o Procurador Geral da República. O embaixador suíço, que realça a ideologia de "extrema-esquerda" destes militares, nota como, naquele dia, "as trocas de palavras e os apertos de mãos entre o novo Presidente e este grupo foram breves e frios."

O programa do MFA sobre a descolonização, afirma o diplomata a 10 de maio, será inevitavelmente modificado pela evolução dos acontecimentos, tendo em conta também o "caráter mundial" desta temática. Além disso, "a decisão política [...] só poderá intervir, no mínimo dentro de um ano". O embaixador, convencido da inevitabilidade da independência dos três "territórios africanos", diz que "as concepções do General Spínola em relação ao Ultramar português" estão ultrapassadas. Acrescenta que este "terá provavelmente perdido as suas ilusões", mas que procurará "procrastinar o mais possível as soluções".

Duas semanas antes da tomada de posse do governo, Jean-Louis Pahud interroga-se sobre como o PS e o PCP poderão colaborar num executivo, tendo em conta que, até agora, os dois partidos "se afrontaram sempre" e também sobre a possível presença de "personalidades de tendência liberal". De qualquer forma, a formação deste Governo Provisório vai permitir "julgar a orientação política da Junta."

No relatório de 31 de maio, onde fala só do novo executivo, o diplomata suíço sintetiza a problemática que vai acompanhar o futuro próximo português: "A tarefa deste governo não é de fazer a sua política, mas unicamente de aplicar o programa do MFA até à eleição de uma Assembleia Constituinte nos finais de março do próximo ano. Esta tarefa é tão árdua como ingrata. Os problemas mais urgentes são: consideráveis dificuldades económicas e financeiras, início da descolonização e agitação social. Pode-se prever que a maioria dos ministros irá sair queimada deste período provisório. É provavelmente por isso que [...] Álvaro Cunhal não aceitou o ministério do Trabalho [...]".

A TAREFA DESTE GOVERNO NÃO É DE FAZER A SUA POLÍTICA, MAS UNICAMENTE DE APLICAR O PROGRAMA DO MFA ATÉ À ELEIÇÃO DE UMA ASSEMBLEIA CONSTITUINTE

SOBRE O AUTOR

Reto Monico nasceu em Tessino, na Suíça italiana, e licenciou-se em História na Faculdade de Letras da Universidade de Genebra. Doutorou-se pela mesma Faculdade em 2003 com a tese *Suisse-Portugal: regards croisés (1890-1930)*, publicada em 2005. Nos seus trabalhos, analisa a imagem dada pela imprensa mundial e pela diplomacia suíça sobre aspectos e acontecimentos da História contemporânea de Portugal e do Brasil. Entre outros livros, publicou em coautoria com Joaquim Vieira, *Nas Bocas do Mundo. O 25 de Abril e o PREC na imprensa internacional* (Tinta da China, 2014). Lecionou no ensino secundário de 1976 a 2013.

Sob o título de *Olhares diplomáticos sobre a revolução em Portugal: os relatórios da embaixada suíça em Lisboa (1974-1975)* irá publicar n' *O Referencial* alguns textos que nos darão a conhecer a forma como foi vista e relatada a revolução portuguesa pelos diplomatas suíços. Este é o primeiro desses artigos, essencialmente baseados nos relatórios depositados no Arquivo Federal de Berna, onde estão reunidos com a mesma cota: CH-BAR,E2300-01#1977/30#49*,A.21.31,Lissabon, Politische Berichte und Briefe [Relatórios políticos e cartas], 1973-1975.

Direitos reservados

Aniceto Afonso, à esquerda, com Joana Pontes, Vasco Lourenço, Jorge Golias e Fernando Mão-de-Ferro, representante da editora, apresentaram o livro na A25A

JANELAS DE ABRIL

O livro *Janelas de Abril*, coordenado por Aniceto Afonso e Jorge Golias, foi apresentado no dia 31 de maio nas instalações da Associação 25 de Abril (A25A), em Lisboa. O livro, da editora Colibri, reúne pequenos textos de memórias e crónicas elaboradas durante o período de confinamento pelos membros da Comissão da História das Transmissões e do seu convidado e presidente da A25A, coronel Vasco Lourenço, num total de 18 autores. A apresentação da obra esteve a cargo de Joana Pontes, cujo texto aqui se reproduz

JOANA PONTES*

AQUI HÁ UNS ANOS, antes da pandemia, acontecimento que está a balizar o nosso passado recente, costumava deslocar-me ao Arquivo Histórico Militar e encontrava, com alguma frequência, o coronel Aniceto Afonso que tenho o privilégio de ter como amigo. Encontrava-o e conversávamos um pouco. Como sempre, esclarecia as dúvidas das minhas investigações. Mas havia um certo dia da semana em que ele me dizia que tinha de ir almoçar com o grupo das Transmissões.

Percebi agora melhor, pela leitura desta obra, a existência e o valor destes almoços, afinal uma tertúlia que dura há mais de 15 anos.

Não só cumpriram uma missão que a si próprios destinaram, a de deixar testemunho de uma época de forma a contribuir para o conhecimento histórico. Cumpriram outra ainda, não menos importante embora de diferente natureza: a de reunir um grupo de amigos num convívio que ajudou a manter ligações e a aprofundar amizades.

A pandemia separou-nos, levou-nos a todos ao confinamento e a restrições que conhecemos e que nos marcaram profundamente. E é para reagir a este isolamento forçado e assustador que os homens deste grupo começam a escrever textos curtos ligados a memórias individuais que assim reunidas nos dão a ver dias e acontecimentos do passado recente. A ligação partilhada entre todos através destes textos, aliviou o confinamento e estreitou laços.

107 TEXTOS

Como se diz na abertura, "num ápice estávamos a partilhar recordações de infância e juventude, a dar conta da nossa participação no 25 de Abril (...) transportando pequenas histórias de um tempo difícil e longínquo". E fizeram-no durante um ano: de abril de 2020 a abril de 2021.

"Nada nos seduzia mais nessa época do que dar testemunho do papel da nossa geração na mudança de Portugal, com o 25 de Abril em primeiro lugar, mas também com todos os acontecimentos em que nos envolvemos para a consolidação da Liberdade, na democratização da sociedade e nos processos de autonomia e independência dos territórios coloniais, transformados em países membros da comunidade internacional."

A este grupo, coordenado pelos senhores coronéis Aniceto Afonso e Jorge Golias, juntou-se o coronel Vasco Lourenço, que aceitou prontamente o convite que lhe foi feito para partilhar as suas memórias. Ao todo temos aqui 107 textos escritos por 18 militares, quase todos Capitães de Abril, na sua maioria engenheiros da Arma de Transmissões.

É extraordinariamente relevante a preocupação tida por este grupo, esta outra missão, de deixar testemunho de uma época, dando a conhecer factos inéditos e surpreendentes sobre certos acontecimentos que afinal nos mostram a espessura do regime a que, habitualmente, chamamos Estado Novo.

E porque são relevantes estes testemunhos? O que é que nos trazem de novo?

Ao escrever sobre as suas memórias, com imensa generosidade e sinceridade, os autores não omitem a possibilidade da distorção de algumas recordações, de trazer para a atualidade o que se viveu ou pensa ter vivido, chamando a atenção para a necessidade da memória individual ser apoiada e completada por documentos e por um exercício complementar de reunião dos que estiveram envolvidos nos acontecimentos.

É uma contribuição decisiva que restitui detalhe à narrativa histórica. E esta restituição de detalhe pode levar-nos a compreender de outro modo os acontecimentos que julgávamos conhecer na sua totalidade.

Estes autores trazem até nós episódios das suas vidas e pelo que nos contam, vemos o país que fomos, por comparação ao que somos. As mudanças ocorridas num tão curto espaço de tempo podem levar-nos a pensar que se trata de ficção.

PARA AS ESCOLAS

Saliento a importância de alguns destes textos e aproveito para sugerir a sua inclusão nos programas do ensino básico e secundário.

Os nossos jovens alunos compreenderão melhor através destes exemplos de vida o caminho que fizemos como país e terão certamente mais motivação para o melhorar.
Dá que pensar quando aqui nos contam memórias de duro trabalho no campo, pais emigrados, quilómetros de caminho para chegar à escola, a maioria a ficar pelo ensino obrigatório, então a 4ª classe; dá que pensar na vida separada que rapazes e raparigas levavam na escola, nas crianças descalças e com fome que muitas vezes chegavam à escola sem nenhuma refeição.
Diz um dos autores, num retrato triste desses tempos: "Os alunos mais difíceis provinham de famílias completamente destruturadas, pela ausência de valores, pela falta de dinheiro, pelo trabalho rural, sempre precário, pela habitação longe de ter o mínimo de dignidade, pela alimentação ausente, pelo analfabetismo dos pais, pelo recurso ao álcool, como escapatória, quando não havia dinheiro e não era possível o fiado."
Estes alunos eram frequentemente castigados, com a régua, a palmatória, e sujeitos a outras humilhações que os marcaram ainda mais na sua condição de miséria. Dá que pensar quando outro dos autores nos conta a chegada à escola de inverno, molhado e a tremer de frio, tendo à espera duas professoras com uma fogueira de lenha acesa e um panelão com água e leite em pó dissolvido. E às vezes, o motivo de todas as queixas, o horrível óleo de fígado de bacalhau. Também na minha família, nos relatos dos meus tios, ouvi estas histórias de dificuldade. Mais o banho aos sábados e os problemas resolvidos pela sabedoria popular de que as mulheres eram fiéis depositárias, "guardiãs no que concerne aos remédios caseiros e mezinhas", aqui enumerados com detalhe. Fica a ideia de uma vida parcimoniosa onde os parcos recursos da maioria tinham de ser administrados com saber.
Mas também sorrimos e dá que pensar quando nos contam episódios de brincadeiras na rua, ao ar livre, aos cowboys, "por campos e vales, livres, atrevidos e ousados, galopando, subindo encostas abruptas, parando nas fontes para descansar e beber..." tempos muito diferentes do isolamento digital em que hoje, muitas vezes, as crianças e os adultos se encontram. Nesta formação inicial, seguimos a importância dos jornais e das revistas que também encontro na minha casa: o cavaleiro andante e o mundo de aventuras.
Estes relatos da primeira parte que incluem os anos iniciais têm a magia da abertura à vida, vivida pelos olhos de uma criança: "quando é aí que nos formamos, que conhecemos os primeiros amigos, que distinguimos o bem do mal e onde construímos os sonhos que depois mais tarde nos encantam."

TESTEMUNHOS DE VIDA

O livro está organizado em três temas principais:

- antes do 25 de Abril, onde se reflete a vivência individual, a ida à escola, a entrada na academia militar e a ida à guerra;
- a preparação e vivência do 25 de Abril;
- e, finalmente, o conturbado período a seguir ao 25 de Abril, o chamado PREC, período revolucionário em curso.

São relatos de iniciação à vida adulta, à amizade e à solidariedade. Os relatos sobre a entrada na Academia Militar, para muitos a hipótese de continuar a estudar, surpreendem-nos quando alguém nos diz que "havia mais liberdade dentro dos quartéis do que na sociedade civil" e nos conta um engraçado episódio de uma dança à volta da fogueira na piscina desactivada da Academia, onde se queimava a biografia de Salazar...
Por outro lado, os relatos da ida à guerra permitem perceber as sementes do movimento militar que em 25 de Abril de 1974 derrubou a ditadura. Essas sementes mostram a iniciação à política, em sentido muito lato, aqui mais entendida como a tomada de consciência de uma realidade que se revela diferente da que era oficialmente exposta. Como diz um dos autores, "fui à guerra convencido de que ia lá defender Portugal! Regressei de olhos abertos, decidido a não voltar à guerra e a tudo fazer para acabar com o Estado a que chegáramos."
E para acabar com o estado a que o país chegara temos os relatos emocionantes de várias peripécias, as reuniões clandestinas do movimento dos capitães e, perdoem-me, o meu favorito, o da montagem do cabo telefónico que permitiu as escutas no quartel da Pontinha onde estava instalado o Posto de Comando da revolução e que foi decisivo para o êxito desse dia.
Mas há também o relato emocionante das primeiras eleições livres e de como os militares asseguraram as comunicações num tempo diferente do actual, onde as noites eram muito longas e a incerteza imensa.
As memórias do PREC, foram para mim as mais surpreendentes e estão relatadas como se de um filme se tratasse, várias cenas em locais diferentes, uma espécie de montagem paralela que mostra a vivência eufórica da liberdade: "hoje admiro as alturas a que voávamos, os sonhos que acalentávamos, a inocência dos nossos propósitos".
Mas mostra-nos também, a tensão desses tempos e a iminência de uma confrontação entre as partes, evitada no limite pelo bom senso de alguns.
Para terminar, já vai longa esta apresentação, recorro às sábias palavras do poeta Manuel António Pina: MEMÓRIA É TUDO O QUE TEMOS, PALAVRA É TUDO O QUE TEMOS.
A memória é a única possibilidade de permanecer e a escrita, apesar de todas as limitações, é o meio mais poderoso para a evocar.
Portanto, a importância de levar em linha de conta estes registos, é a de estar perante postos de observação privilegiados, por dentro do acontecimento e a partir dos intervenientes directos, muitos dos quais desconhecidos do público.
A importância é a de combater o esquecimento e a de evitar reelaborações e reinterpretações históricas enviesadas porque desligadas do contexto e da realidade da época.

Uma janela é uma abertura que se destina a proporcionar iluminação e facilita a visibilidade da paisagem exterior. Recomendo vivamente a leitura destas *Janelas de Abril*.

*Realizadora e professora universitária

BIOGRAFIA DE UM MILITAR

Direitos reservados

Manuel Franco Charais, Vasco Lourenço, ao centro, e António Baptista Lopes, da Editora Âncora

Obra biográfica do tenente-general Franco Charais, da Âncora Editora, foi apresentada na Associação 25 de Abril no dia 21 de Abril

VASCO LOURENÇO*

DEPOIS DE *O Acaso e a História* e *História Viva*, o Manuel Franco Charais acaba de publicar a *Biografia de um Militar*. Se os primeiros tiveram como autor este Capitão de Abril, esta biografia é feita em forma de entrevista, com Franco Charais a responder às questões colocadas por António Baptista Lopes, por sinal o editor de todos os seus livros.

Que dizer deste novo livro de Franco Charais? Traz-nos algumas novidades, que não estivessem já nos anteriores? Certamente! Desde logo, uma biografia completa que começa em 1931, ano do seu nascimento, até 2021, ano em que Franco Charais continua, felizmente, entre nós. E, se já se sabia alguma coisa da vida militar deste tenente-general, se já conhecíamos muito da sua acção como um dos mais ilustres Capitães de Abril, ficámos agora a conhecer - além do aprofundamento de todos esses acontecimentos, onde a guerra colonial e o 25 de Abril nos são contados através da participação de um dos principais militares do MFA - também a sua faceta de artista plástico, na área da pintura.

Faceta que influenciou decisivamente a sua vida ao apaixonar-se pela pintora Stela Barreto, com ela constituindo uma segunda família que o ajudou a realizar-se, ainda mais, como Homem e Cidadão. Franco Charais não se limitou, contudo, à sua actividade como militar, onde atingiu um dos mais elevados postos; não se limitou ao cumprimento dos seus deveres de cidadão/militar, onde se incluiu a participação na guerra colonial; nem se limitou a uma relevante participação no processo do 25 de Abril de 1974, tanto na conspiração que levou o MFA à radiosa madrugada libertadora, como na consolidação do Estado democrático, consumada com o fim do Período de Transição em Outubro de 1982.

NA COOPERAÇÃO

Com efeito, para além de todas essas actividades, a que há que juntar a notável, mesmo que iniciada algo tardiamente, actividade e produção no campo da pintura, Franco Charais desenvolveu ainda importante actividade na área da cooperação com os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, com a particularidade de o ter feito com o envolvimento de alguns países Árabes. É de toda essa vivência, consubstanciada na NOEI (Nova Ordem Económica Internacional), tal como de todas as outras actividades, que este livro nos dá conta.

Isto é, esta *Biografia de um Militar* dá-nos conta de toda a vivência de Franco Charais - um tenente-coronel feito Capitão de Abril - como um dos principais Militares do MFA. E fá-lo de uma forma clara e de fácil leitura. Ela conta-nos a verdade do autor que, como cada um de nós, tem direito e possui a sua Verdade.

Por tudo isto, felicitando o Franco Charais e o entrevistador/editor Baptista Lopes, recomendo a leitura de *Biografia de um Militar*.

Com essa leitura, ficar-se-á a conhecer melhor a História do Portugal contemporâneo, nos seus últimos 100 anos, com especial realce para a guerra colonial e o 25 de Abril.

Mas, igualmente importante, ficar-se-á também a conhecer a vida de um importante participante nessa História.

Participante que, por direito próprio, integra o colectivo do MFA, autor de uma das mais importantes páginas da História de um Portugal, a caminho dos 900 anos de existência.

Boa leitura!

Um grande abraço, Amigo e de Abril, ao Charais!

* Coronel na reforma, Presidente da Direção da A25A

Direitos reservados

Paulo Matias, ao centro, tendo do seu lado esquerdo o coronel Vasco Lourenço, apresentou na A25A o seu livro *A Noite dos Heróis*

A NOITE DOS HERÓIS

LIVRO DA AUTORIA de Paulo Matias, *A Noite dos Heróis* foi apresentada pelo coronel Vasco Lourenço no dia 19 de Abril na Associação 25 de Abril. O autor era adolescente à data da "Operação Viragem Histórica". Mas, esses acontecimentos fizeram-no sonhar e, sobretudo, aguçar a veia criativa para imaginar como foi possível um grupo de jovens capitães ter capacidade para desencadear uma Revolução que abriria novos horizontes para todos os portugueses.

Engenheiro civil, Paulo Matias, residente no Barreiro, falou com vários Capitães de Abril antes de avançar com a escrita. Fê-lo em forma de ficção, como um romance, optando por um olhar interior a partir das dúvidas, das interrogações, das incertezas, dos medos, da coragem e da determinação de cada um dos jovens militares participantes na Revolução dos Cravos. Acção está centrada, sobretudo, na noite de 24 para 25 de Abril de 1974, mas os acontecimentos surgem descritos desde Julho de 1973, aquando do Congresso dos Combatentes.

Vasco Lourenço, presidente da A25A, um dos contactados pelo autor, apresentou a obra no dia 19 de Abril, nas instalações da associação. O Capitão de Abril disse que se revê na descrição de Paulo Matias, frisando que o acontecimento da Revolução, em si, já existe relatado em várias obras, mas é ainda escasso relativamente ao processo que levou à madrugada libertadora. O Capitão de Abril enalteceu o autor pela abordagem ao tema, e sublinhou a sensibilidade como foca o lado humano dos jovens capitães que sonharam e fizeram Abril.

Paulo Matias disse que o livro é um agradecimento a todos os que quiseram o 25 de Abril, que saíram de casa, deixaram a família, puseram a vida em risco, arriscaram as carreiras, arriscaram serem presos, serem afastados das suas famílias... a todos os que deram aos portugueses um novo Portugal.

UM DIA LUSÍADA

Direitos reservados

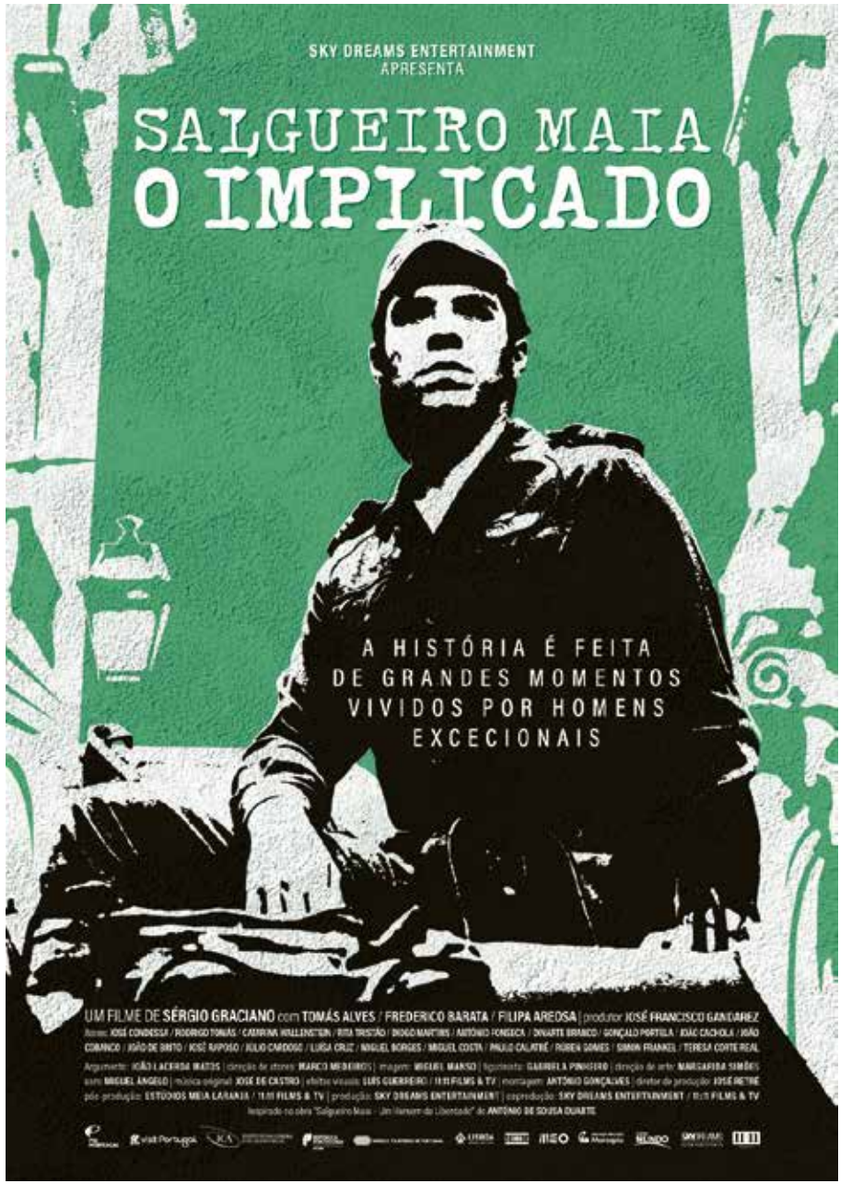
Livro apresentado na A25A. Da esquerda para a direita: Rui Zink, António Carlos Cortez, coronel Vasco Lourenço, coronel Carlos de Matos Gomes, e Zeferino Coelho, da Editorial Caminho

Um Dia Lusíada é a estreia no romance de António Carlos Cortez. O livro, da Editorial Caminho, foi apresentado na Associação 25 de Abril (A25A) no dia 22 de Abril e teve como prelectores o Capitão de Abril Carlos Matos Gomes e o jornalista-escritor Rui Zink. Com o auditório completo, o presidente da A25A, coronel Vasco Lourenço, deu as boas-vindas e expressou votos de que este seja o primeiro de muitos romances de António Carlos Cortez.

O autor é professor, poeta, ensaísta e crítico literário no *Jornal de Letras* e todas essas forças criativas concentraram-se no seu primeiro romance, *Um Dia Lusíada*, agora nas livrarias numa edição da Caminho. Uma narrativa que vai da Guerra Colonial ao 11 de Setembro, do ensino à revolução tecnológica, do verso à nota de rodapé. É um livro que não segue as formas convencionais da literatura romântica, mas que, pela sua forma literária, muito peculiar, agarra o leitor e prende-o, levando-o para dentro, e nunca mais o larga.

SALGUEIRO MAIA 30 ANOS

Álvaro e José Tavares



"Salgueiro Maia - O Implicado" tem argumento de João Lacerda Matos e é protagonizado por Tomás Alves, no papel do capitão de 29 anos. Para o biógrafo, este é um filme para todos os públicos e haverá um plano de exibição para que seja incluído no contexto escolar

O VULTO

"Salgueiro Maia - O Implicado" estreou a 14 de Abril nos cinemas, no contexto do 30.º aniversário da morte do Capitão de Abril. O filme, com uma abordagem moderna, intimista e emocional, retrata histórias ainda não contadas sobre o herói português. Mas, quem com ele conviveu descreve o filme revisitando o seu próprio percurso de vida em narrativas fundidas

MANUEL MARTINS LOPES*

HÁ MUITO QUE QUERIA VER o filme biográfico sobre Salgueiro Maia.

Apesar de ter escolhido a sessão das 13:40 horas de sábado, no "Corte Inglês", pensava que a afluência fosse muito mais significativa.

Saltitando no tempo, o realizador construiu um guião onde são evidentes diferentes fases da vida de Salgueiro Maia, para além de dois tempos mais íntimos da sua vida sentimental: antes da entrada na Academia Militar, na Academia Militar da Amadora, em Moçambique, na Guiné, no 25 de Abril, no 11 de março, no 25 de novembro, em Ponta Delgada e no Hospital.

A vivência conjunta na Academia Militar da Amadora, em 1964, foi especialmente propícia a cimentar relações, a que não foi alheia a solidariedade contra os abusos praticados pela praxe durante o primeiro ano.

A passagem pelos três teatros de operações, durante um ano, como alferes, como adjuntos de comandante de companhia, foi uma experiência comum a dezenas de oficiais, acabados de concluir os seus tirocínios nas diferentes Escolas Práticas.

"Não te entusiasmes muito. Já estou na terceira comissão e a situação está cada vez pior!" - alertava-me Vítor Alves, o meu comandante de companhia, em Angola, nas "Terras do Fim do Mundo", na Neriquinha, no princípio de 1968.

"Espero então que contribua para a mudança, quanto mais depressa melhor!" - comentei.

Ao "batismo de fogo" como alferes seguiu-se a experiência como comandante de companhia num dos três teatros de operações.

Em meados de 1971, em Moçambique, no final da primeira operação, os meus soldados cantavam, revelando o que lhes ia na alma:

"Piquenique, piquenique, vamos embora para a Metrópole que já estou farto de Moçambique!"

Não fiquei surpreendido com a ocorrência do

Álvaro e José Tavares

Salgueiro Maia é um vulto, mas já está fora da nossa dimensão, implicando os portugueses na preservação da sua memória, através dos valores que sempre foram os dele: os valores universais da liberdade, da justiça, da solidariedade, da coragem

25 de Abril, nem com o aparecimento do major Vítor Alves na liderança do MFA, nem com a sua sugestão para continuar em Moçambique, no comando da Polícia da Zambézia, em ligação estreita com o MFA em Lisboa, por seu intermédio, até ao final do período de transição, com a independência de Moçambique em 25 de junho de 1975.

Passados sete anos do fim do Curso na Academia Militar reencontrei Salgueiro Maia, em Beirolas, na tarde do 26 de novembro, quando as suas forças ficaram ali estacionadas, à ordem do Presidente da República, na mesma situação em que se encontrava o Depósito Geral de Material de Guerra.
"Maia, bem-vindo a Beirolas. As armas ficam em boas mãos!" - comentei sorridente, com um abraço.
Estava há dois meses como comandante do Destacamento de Segurança de Beirolas.
Salgueiro Maia ainda assistiu a uma reunião da Assembleia de Delegados da Unidade onde garantiu que a sua vinda a Lisboa não era para pôr em causa as conquistas da Revolução, tendo-se deslocado à entrada da porta de armas para transmitir esta mesma mensagem a populares ali aglomerados, que rapidamente dispersaram.

NA AMADORA

No dia seguinte, 27 de novembro, as forças do Salgueiro Maia mudaram de estacionamento. À ordem do Presidente da República, deslocaram-se para a Academia Militar da Amadora, ao lado do Regimento de Comandos.
Pouco tempo depois recebi um telefonema do major Lencastre Bernardo que ordenou: "Capitão Martins Lopes, coloque-se na cadeia de comando do Posto de Comando da Amadora!"
"Senhor major, tenho aqui uma mensagem que me coloca na dependência direta da Presidência da República, tal como a Escola Prática de Cavalaria (EPC). Quer melhor cadeia de comando do que esta?" - respondi, ouvindo de imediato o ruído de que a chamada tinha terminado, do que viria a resultar um processo por "insubordinação qualificada".
Também a irreverência me levaria para a ilha Terceira, nos Açores.
Durante alguns anos ainda tive o privilégio de conviver com o Salgueiro Maia e a esposa, colega de curso da minha mulher.
O ISCSP também seria o destino de ambos, o Salgueiro Maia em Antropologia e eu em Relações Internacionais.
O meu filho mais velho, nascido em 1974, teve em criança uma adoração especial por Salgueiro Maia, por o relacionar com um programa na televisão. Prometi um dia apresentá-lo.
"Tu é que és a Abelhinha Maia"? - perguntou-lhe mais tarde, no Forte do Bom Sucesso, onde funcionou inicialmente a Associação 25 de Abril.
"Olha, ninguém me tinha chamado esse nome. Obrigado. Vou ficar com ele!" - respondeu divertido.
Numa cama do Hospital da Boa Hora despedi-me poucos anos depois do Salgueiro Maia, impotente, sem capacidade para agendar ou perspetivar qualquer novo encontro.
- "Até sempre!"
No final do filme fiquei com a sensação de ter também revisitado grande parte do meu percurso de vida, tão implicado como o Salgueiro Maia e como tantos outros que entraram na Academia Militar da Amadora, em 1964.

Lisboa, 25 de maio de 2022

* Coronel na situação de reforma, sócio da A25A
(manuel.lopes@sapo.pt)

O "MITO MAIS HUMANIZADO" DA HISTÓRIA DE PORTUGAL

O 30.º aniversário da morte do Capitão de Abril foi assinalado no dia 1 de Abril, no Quartel do Carmo, em Lisboa, com uma sessão onde foi apresentada a 13.ª edição do livro *Salgueiro Maia. Um Homem da Liberdade*

"SALGUEIRO MAIA já é mais do que ele, é uma projeção de nós, de muitos de nós." Trinta anos após a sua morte, este nome continua a ser marcante na história recente de Portugal e, na sessão evocativa do seu desaparecimento, o Capitão de Abril Carlos Matos Gomes recordou como Salgueiro Maia se tornou no "mito mais humanizado" da história de Portugal e que desafia os portugueses a preservarem valores como a liberdade e a solidariedade.

A homenagem decorreu no Quartel do Carmo, em Lisboa, a que assistiram personalidades como o antigo Presidente da República Ramalho Eanes, o Capitão de Abril Vasco Lourenço, o ministro da Cultura, Pedro Adão e Silva, a historiadora Maria Inácia Rezola, entre outros.

"[*Salgueiro Maia*] é um vulto, mas já está fora da nossa dimensão, implicando os portugueses na preservação da sua memória, através dos valores que sempre foram os dele: (...) os valores universais da liberdade, da justiça, da solidariedade, da coragem", realçou Matos Gomes.

Reiterando o papel decisivo que o Capitão de Abril teve em 1974, Matos Gomes afirmou que "apesar da grandeza do seu ato", Salgueiro Maia iria ser visto, "pela sua instituição e pelo poder político em geral, como um corpo estranho, como um perturbador". Mas, acrescentou: "Diga-se que ele gostava de representar esse papel de implicado e de perturbador."

António Sousa Duarte, autor da biografia *Salgueiro Maia – Um Homem da Liberdade*, também participou na sessão evocativa. O livro inspirou o filme *O Implicado*.

À Lusa, explicou que é "uma tentativa de reposição de justiça" sobre "o único herói do século XX português". "Tinha merecido que em vida se tivesse feito algo de simpático. Pouco se fez. (...) Quem designa os heróis não é o Presidente da República, nem o primeiro-ministro, nem os militares, nem os diplomatas. Ele é herói, porque o povo vê nele um herói", salientou.

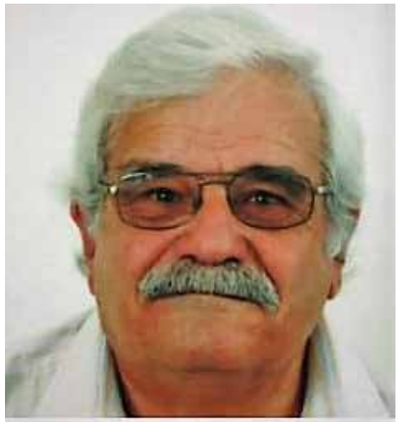
JOSÉ JÚLIO DE AZEVEDO VALARINHO (1933-2022)

UM MESTRE DE ARMAS

Sócio fundador da A25A desde a primeira hora, viveu sempre intensamente este projeto e o seu papel na consolidação dos valores de Abril

PEDRO PEZARAT CORREIA*

JÁ MUITO ANTES DO 25 de Abril, inconformado com a ditadura que era imposta ao povo português e com as nefastas consequências que dela derivavam, foi imediata a sua adesão ao MFA, lá longe nos confins de Tete, onde, como major, cumpria mais uma comissão na guerra colonial a que, não tinha dúvidas, era urgente pôr termo. Regressado a Portugal envolveu-se empenhadamente no processo revolucionário e sentia-se compensado com os novos tempos em que Portugal se abria ao mundo.



Do meu curso no Colégio Militar (na Escola do Exército acabou alguns anos depois), achei por bem convidá-lo para integrar o meu gabinete durante o meu mandato no Conselho da Revolução (CR). Como assessor, prestou-me aí uma excelente colaboração, juntamente com o saudoso Amílcar Setas Domingues, este também coronel e licenciado em direito, ajudando-me, entre muitas outras tarefas, na preparação de alguns dossiers e das mais melindrosas intervenções no CR. O empenhamento democrata, progressista, esclarecido, a que não se pode deixar de associar a sólida amizade e sã camaradagem de ambos, até ao último dia de vigência daquele órgão de soberania, foi uma ajuda inestimável que registo com emoção quando invoco as suas memórias.

Sócio fundador da A25A desde a primeira hora, enquanto a saúde lhe permitiu viveu sempre intensamente este projeto e o seu papel na consolidação dos valores de Abril.

DESTACOU-SE NA ESGRIMA

Tendo feito o percurso comum da nossa geração de militares, cumpriu comissões na guerra

em Angola e Moçambique. Irreverente, contestatário, reformou-se em coronel. Mas algo viria a determinar a sua carreira militar, a esgrima. Praticante, Mestre de Armas pelo CEMEFED[1], professor no Colégio Militar, foi como dirigente federativo que, acima de tudo, se distinguiu. Quando do seu falecimento, a Federação achou por bem publicar a significativa nota que nos permitimos transcrever:

"É com enorme pesar que a Federação Portuguesa de Esgrima comunica o falecimento de José Júlio de Azevedo Valarinho. Neste momento de dor, podíamos falar dos oito anos em que desempenhou o cargo de Presidente desta federação, dos mais de 30 anos em que fez parte dos órgãos sociais, dos dois mandatos como membro da Comissão de Disciplina da Federação Internacional de Esgrima, do facto de ser a única pessoa a receber por três vezes a Medalha de Ouro da FIE (em cujo Hall of Fame é o único português), da Ordem Olímpica e da Medalha de Mérito Desportivo com que foi agraciado.

Nada disso, porém, é relevante nesta altura, em que todos devemos lembrar o enorme amor que tinha à esgrima e o empenho e dedicação com que abnegada e desinteressadamente serviu a modalidade. Aqueles que com ele privaram sabem, todos sem exceção, que perderam um amigo. Quanto à esgrima, viu partir uma parte importante da sua memória coletiva e uma fatia irrecuperável da sua história.

As condolências, desta feita, não são apenas para a família e para os amigos, mas para todos os esgrimistas portugueses!"

José Valarinho publicou dois excelentes livros sobre a esgrima. O primeiro, *Espadas e Floretes* (Ed. do A., 1993), é uma detalhada história da esgrima, enquanto desporto, em Portugal. O segundo, *Os militares e a Esgrima* (Ed. do A., 2016) é, como sintetiza o sub-título "Um livro de História recheado de histórias", mais dedicado, mas não só, à importância da esgrima no meio militar. Numa linguagem elegante e atrativa, são obras indispensáveis na divulgação desse excelente desporto individual que é a esgrima.

Para a Marina, sua excelente companheira e querida Amiga, infelizmente também atravessando momentos difíceis que já não lhe permitem captar esta mensagem, para o seu filho e também meu Amigo Frederico, para os netos, aqui deixamos o nosso sentido pesar, pela perda do companheiro que nos acompanhou desde a infância.

* Sócio fundador da A25A, antigo diretor de *O Referencial*

1 Centro Militar de Educação Física, Equitação e Desportos, em Mafra.

MANUEL JOSÉ MARTINS RODRIGUES (1929-2022)

SAUDOSO "PINGA"

Durante a conspiração preparatória do 25 de Abril, o então tenente-coronel de Cavalaria era o oficial mais graduado presente nas primeiras reuniões do Movimento, no Porto

PEDRO PEZARAT CORREIA

O CORONEL DE CAVALARIA Manuel Martins Rodrigues, militar aderente e empenhado no MFA desde as suas origens, condição de que se orgulhava e que coerentemente manteve até ao final da sua vida, deixou-nos pouco antes de completar 93 anos de idade. Aqui o recordamos, com imensa saudade e profundo respeito.

Muitos dos seus camaradas militares, mais do que pelo nome recordá-lo-ão como o "Pinga", alcunha que se lhe colou desde a meninice, no Colégio Militar. Nortenho e residente no Porto, quando entrou para o Colégio, em 1940, era já um apaixonado do futebol, de que viria a ser praticante destacado e fiel adepto do Futebol Clube do Porto, quando a figura icónica do clube era o celebérrimo Artur de Sousa, o "Pinga", que ele sistematicamente invocava quando exibia as suas habilidades futebolísticas. "Pinga" ficou, para toda a vida. E gostava que assim o tratassem.

Mas o Manel (para mim, era assim), desde cedo se revelou também um democrata. Sem fazer grande alarde das suas convicções nos tempos da ditadura, era óbvia a sua abertura no relacionamento com os amigos, na sua postura cívica, na forma como assumia a sua condição militar, nomeadamente no seu relacionamento com os homens que comandava. Era um camarada de uma simplicidade e de uma simpatia que não deixavam ninguém indiferente.

Fomos contemporâneos no Colégio Militar e, depois, na Escola do Exército. Ele uns anos à minha frente, mas como ambos passávamos férias no Porto e morávamos perto, convivíamos diariamente e consolidámos uma amizade profunda.

Nos nossos primeiros anos de oficiais couberam-nos percursos diferentes e só viemos a reencontrar-nos em 1964, no navio Infante D. Henrique, ele a caminho de Angola e eu de Moçambique. Foram dez dias de convívio intenso, de recordações de passados comuns, mas que também deu para descobrir que ambos amadurecêramos, despertáramos para os equívocos em que estávamos envolvidos, numa ditadura caduca e numa guerra estúpida. E que em relação a isso, na sua recusa, estávamos do mesmo lado.

ASSEMBLEIA DO MFA

Só voltámos a ver-nos pouco depois do 25 de Abril. Eu viera de Angola, por uns dias, expor problemas relativos à complexa situação que ali se vivia e, avisado de que ia haver uma Assembleia do MFA, compareci. Vi pela primeira vez imensos camaradas que até então não tivera oportunidade de conhecer, na grande maioria mais novos mas, entre os conhecidos, deparei com o Manel Martins Rodrigues. Sem surpresa mútua por nos encontrarmos ambos nas fileiras do MFA, mas com incontida satisfação e até, emoção. Trocámos um fortíssimo e cúmplice abraço. A nossa amizade reencontrava-se, agora reforçada com muitas e sólidas razões.

Durante a conspiração preparatória do 25 de Abril o então tenente-coronel de Cavalaria Manuel Martins Rodrigues era o oficial mais graduado presente nas primeiras reuniões do Movimento no Porto, até começar a aparecer o tenente-coronel Carlos Azeredo, aliás do mesmo curso de Cavalaria, mas mais antigo. Martins Rodrigues era segundo-comandante do Regimento de Cavalaria 6 e teve um papel destacado aliciando o comandante, tenente-coronel Arriscado Nunes, conseguindo assim que o Regimento estivesse todo comprometido com a *Operação Viragem Histórica*. Isto não obsta a que, com a sua proverbial modéstia e sentido de justiça, Martins Rodrigues afirme que o "mais importante elemento do MFA no RC6" foi o então tenente Soares da Motta a quem, de facto, coube o comando da força do Regimento que, às ordens do MFA, cumpriu missões no exterior na cidade do Porto. É isto que Martins Rodrigues realça no Relatório do Regimento de Cavalaria nº 6, que é de sua autoria e está inserido no livro coordenado por Almada Contreiras *Operação Viragem Histórica – 25 de Abril de 1974* (Edições Colibri, Lisboa, 2017, pp. 237 a 239).

Enquanto a saúde lhe permitiu foi uma presença constante em todas as confraternizações e iniciativas do núcleo do Norte do MFA. A sua presença era considerada indispensável por todos e ele não a regateava. Pelo contrário, sentia-se feliz. O mais velho e como tal respeitado, mas mantendo uma juventude de espírito, uma ironia, um sentido crítico e humor cativantes, eles e todos nós muito vamos sentir a sua falta.

Conforta-nos o orgulho de, no muito que viveu de mais importante, termos estado a seu lado.

Às suas filhas Nita e Teresa e demais familiares, entre os quais contamos alguns amigos, a nossa solidariedade e homenagem pela partida de um camarada e cidadão que honra a A25A.

HONRAS AO CORONEL JULIO BUSQUETS

@Joan Roca de Vinals

Influenciado pelo exemplo dos Capitães de Abril, este militar integrou um grupo que fundou em Espanha a *Unión Militar Democrática* (UMD) depois de ter estado em Portugal em 1974, dias depois da Revolução. Foi agora homenageado em Barcelona ao som da *Grândola Vila Morena*

JAVIER FERNÁNDEZ LÓPEZ*

NUM DOMINGO, 15 de Maio de 2022, realizou-se uma cerimónia em Barcelona, Espanha, para recordar o coronel Busquets, falecido há já vinte anos. Além de militar, foi professor universitário e político.

O seu papel na organização *Unión Militar Democrática* (UMD), da qual foi co-fundador, uma associação clandestina fundada nos anos em que Francisco Franco estava no poder, ficará para a história de Espanha.

Dado que estas linhas são dirigidas aos leitores portugueses, é interessante que se ponha em destaque a possível relação entre o Movimento das Forças Armadas Portuguesas que protagonizou o golpe de Estado que em 25 de Abril de 1974 pôs fim à ditadura do Estado Novo, então liderado por Marcelo Caetano, e a UMD. Antes dessa data não houve qualquer contacto, mas após o triunfo da operação militar em Portugal, de facto tiveram. Concretamente, três oficiais espanhóis deslocaram-se a Portugal, Luís Otero e Julio Busquets, à capital, Lisboa, e José Fortes, ao Porto, no norte do país. Após o seu regresso a Espanha, os três iriam integrar, após um certo tempo, a UMD.

Se quisermos ser exactos sobre as possíveis semelhanças entre os dois movimentos, devemos reconhecer que o efeito expansivo do triunfo do 25 de Abril foi muito positivo para alguns oficiais espanhóis, mas pouco mais. O anti-franquismo e a aspiração de alcançar um regime político democrático foram as duas ideias - força que animaram os oficiais espanhóis, enquanto o passado colonial português desempenhou um papel determinante no fim do regime do Estado Novo.

As razões que devemos encontrar na origem da homenagem que teve lugar há alguns dias residem no facto de o coronel Busquets ter nascido naquela cidade e de ter ali leccionado na universidade, bem como no facto de ter sido sempre membro do Parlamento por aquele círculo eleitoral. Pessoalmente, gostaria de acrescentar outra: a UMD nasceu ali. Dos doze majores e capitães que participaram na assembleia fundadora da UMD na capital catalã, dez estavam colocados em Barcelona e dois em Madrid.

Espero que este acto de recordação em Barcelona seja antes de mais para o coronel Busquets, pois foi ele quem foi homenageado, mas, também, para os membros da UMD que lutaram para trazer a democracia a Espanha, e, inclusivamente, para os militares, que em todo o mundo, portanto também em Portugal, lutaram pelas mesmas ideias. Ouvir a "Grândola Vila Morena" foi um magnífico auge para a cerimónia.

*Militar, professor universitário. Escritor. Autor de "Militares contra Franco: historia de la UMD".

REGISTÁMOS O FALECIMENTO DOS SEGUINTES ASSOCIADOS:

José Júlio de Azevedo Valarinho – Sócio Fundador
Manuel José Martins Rodrigues – Sócio Fundador
Sérgio Manuel F. dos Santos Brito – Sócio Efectivo
José Júlio Costa-Pereira – Sócio Efectivo
Ruth Gertrud Hedwig Sara Arons – Sócio Efectivo
Ernesto Jose Gouveia Macedo – Sócio Efectivo
João Barros Madeira – Apoiante

Às famílias enlutadas apresentamos sentidas condolências.

OFERTAS À A25A

LIVROS

José Aranda da Silva e Carlos Gouveia Pinto - *O valor dos Medicamentos e das vacinas no contexto da Pandemia*
Francisco Lourenço, *Pastoral Lusitana*
José Manuel Bento Sampaio, *Terra Velha*
Diana Gomes e Rui Caria - *Ultramar na Pele*, oferta do instituto Açoriano de Cultura
Mário Correia - *A grande aventura-Sacadura Cabral e Gago Coutinho na primeira travessia aérea do Atlântico Sul*, oferta do autor
Alfredo Cunha e Adelino Gomes, *Os rapazes dos tanques*, oferta dos autores
José Conteiro, *Porto de Mós em duas guerras*
Vitor Madail Herdeiro, *RARET - A Guerra Fria Combatida a partir da Charneca do Ribatejo*
Vasco Correia Lourenço, *A Batalha da Jutlândia* e *A Batalha de Verdun*, de Graça Fernandes
Rosa Carranca, *Carlos Carranca - Poemas Absurdos - A Palavra e o Mundo*

OUTRAS OFERTAS

Azulejo pintado comemorativo do 25 de Abril de 2022 - Oferta da Escola Secundaria de Palmela

Azulejo alusivo ao 25 de Abril pintado pelos alunos da Escola Secundária de Palmela. Oferta à A25A

O REFERENCIAL

Propriedade da Associação 25 de Abril - Pessoa colectiva de utilidade pública (Declaração . 104/2002, DR II Série, n.º 9 de 18 de Abril) · Membro Honorário da Ordem da Liberdade |Presidente da direcção: Vasco Lourenço| Director: Aniceto Afonso | Editor: Licínio Lima| Colaborador: José Armando Lopes| Conselho editorial: Alexandre Manuel, Amadeu Garcia dos Santos, André Freire, António Morais Sarmento Brotas, Armando José Garcia Pires, Carlos Branco, Carlos Manuel Serpa Matos Gomes, João Bosco Mota Amaral, João Ferreira do Amaral, José Barata-Moura, José Manuel Pureza, José Viriato Soromenho-Marques, Luís Augusto Sequeira, Maria Inácia Rezola, Maria José Casa-Nova, Maria Manuela Cruzeiro, Pedro Pezarat Correia, Vasco Lourenço| Fotografia: Agência Lusa| Sede nacional, administração e redacção: Rua da Misericórdia, 95 - 1200-271 LISBOA - Telefone: 213 241 420 - Endereço electrónico: oreferencial@a25abril.pt | https://a25abril.pt/ | https://guerracolonial.pt | delegação do norte: Escadas do Barredo, 120, r/c, esq.- 4050-092 PORTO - Telefone/fax: 222 031 197 - Endereço electrónico: delnorte@a25bril.pt | delegação do centro Apartado 3041 - 3001-401 COIMBRA | delegação do Alentejo Bairro da Esperança Edifício 2 – Bloco 3, loja r/c 7560-145 GRÂNDOLA | delegação do Canadá - Associação Cultural 25 de Abril (Toronto) - Núcleo Capitão Salgueiro Maia - 1117 Queen Street West Toronto, Ontario M6J 3P4 Canadá | Edição gráfica: atelier VCARDOSO, Design & EdiçõesAv. Infante Santo, 61 -4.º Esq. - 1350 - 177 Lisboa | impressão e acabamento: NORPRINT

Nos termos da Lei, o conteúdo dos textos assinados são da exclusiva responsabilidade dos seus autores, sendo a edição e a paginação, que inclui a escolha de fotografias e de infografias, da responsabilidade d'*O Referencial*

Agora em Grão

DELTA CAFÉS

COLOMBIA

DELTA CAFÉS

Origem Colombia

Elevada em todos os sentidos

Nas altas encostas dos Andes, nasce um grão de café à altura dos mais exigentes apreciadores. Um café 100% arábica, que eleva o sabor e o aroma a cada chávena. Cultivado e apanhado grão a grão no topo dos terroirs vulcânicos e húmidos da Colômbia, este arábica revela-se uma bebida aveludada, com elevada suavidade e ligeiras notas cítricas.

Eleve já a sua experiência de café.

PUB

Desconto sobre desconto em combustível

O cartão que lhe permite poupar a dobrar ou a triplicar

Com o Cartão Associação Mutualista Montepio Repsol é certo que vai poupar mais. Porque além do habitual desconto de 6 cêntimos, este cartão permite acumular outras vantagens em vigor nas estações de serviço aderentes.

São descontos sobre descontos, no caminho de vantagens que é ser nosso Associado.

Informe-se já em
montepio.org

Associação Mutualista
Montepio
Juntos por todos

Montepio Geral Associação Mutualista . IPSS. DGSS n.º 3/81 . NIPC 500 766 681
Sede: Rua Áurea, 219 a 241 . 1100-062 Lisboa